

DIOCESE DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA
Paróquia São Miguel Arcanjo – Iauaretê – AM

EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA
Proposta de uma catequese inculturada a partir
dos valores culturais indígenas das etnias
existentes no Distrito de Iauaretê

Curso de Catequistas – 14-20/12/2004

Organização:

Pe. Benjamim Morando – Pároco

Autoria:

Catequistas, Animadores e Lideranças das Comunidades da
Paróquia São Miguel Arcanjo - Iauaretê

Assessoria e Redação:

Pe. Justino Sarmiento Rezende

CATEQUESE INCULTURADA

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa o esforço que a Igreja está fazendo para “acontecer” a Evangelização Inculturada no meio dos povos tukano, tuyuka, desano, tariano, wanano, piratapuia, arapaço, miriti-tapuia, hupda...

A Evangelização Inculturada não pode ser reduzida em “idéias bonitas”, mas deve tornar-se prática nas comunidades cristãs, no nosso caso nas comunidades indígenas: *“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus; e a Palavra se fez carne e veio morar entre nós. Nós vimos a sua glória, glória como do filho único da parte do pai – em plenitude da graça e da verdade”*(Jo 1,1.14).

Nós compreendemos que a prática da Evangelização Inculturada não deve ser apenas a iniciativa dos missionários(agentes externos), mas deve ser a prática comum de uma comunidade cristã. Nós indígenas, pelo Batismo, tornamos-nos cristãos, seguidores de Jesus, comunidade cristã.

Olhando a nossa história indígena-cristã, percebemos que estávamos tornando-nos meros repetidores das práticas eclesiais de outros lugares e de outras culturas (missas, sacramentos, cantos, orações...). A constatação desta história nos levou para repensarmos a prática evangelizadora nesta nossa região.

A primeira decisão foi o de dar um novo direcionamento à preparação dos catequistas e missionários (ano de 2000). O ponto de partida foi a escolha de temas importantes de nossas tradições indígenas para o aprofundamento: o parentesco, o relacionamento entre as diversas etnias, os benzimentos e o nome da pessoa.

Estes temas nos levaram para dentro de nossas culturas, nossas origens. Diante disso, por um lado ficamos admirados pela sua beleza e por outro, ficamos assustados pelo desconhecimento do nosso mundo indígena com todos os seus valores.

Escolhemos também alguns sacramentos da Igreja (Batismo, Eucaristia, Crisma e Matrimônio) para começarmos uma aproximação com a prática de nossas culturas indígenas: símbolos, ritos, celebrações. No entusiasmo inicial queríamos partir imediatamente para a prática. Mas constatamos que a prática da Evangelização Inculturada precisará vários anos para redirecioná-la para chegarmos à prática inculturada nas nossas diversas celebrações litúrgicas e sacramentais.

A metodologia que utilizamos foi o de “oficinas” (as pessoas reunidas em grupos discutem, descobrem e escrevem os conteúdos). Elas nos ajudaram muito nos nossos trabalhos. Houve grande participação e, por isso, causou algumas dificuldades: diversidades de conhecimentos, diferentes narrações, variadas interpretações de acordo com as etnias. Também havia a participação de catequistas com longas formações e iniciantes; presença de muitos jovens que desconheciam os elementos culturais de suas etnias; participação de muitas mulheres que em alguns momentos causou constrangimento para falar de alguns assuntos que são destinados para os homens ou vice-versa; todas estas diversidades proporcionaram grandes enriquecimentos para os participantes.

O resultado foi o que já esperávamos. Cada participante possuía um saber ou diversos saberes herdados de seus antepassados e de suas etnias. Ao longo dos trabalhos houve um bom entrosamento entre os participantes.

Na apresentação dos trabalhos fomos mantendo contato com muitas riquezas. Infelizmente não conseguimos registrar todas as experiências partilhadas. Surgiram algumas dificuldades que, com o passar do tempo, foram sendo superadas, tais como: diversidades de etnias, diferenças de idades, presença de homens e mulheres.

Temos diante de nós um texto que é resultado dos trabalhos de todos. Este texto poderá ser utilizado na catequese, nos momentos da formação humana dos indígenas em outros estudos. Não esgota tudo aquilo que foi falado. Portanto cada leitor tenha liberdade de acrescentar seus saberes.

O que nos preocupa é a falta de prática, isto é, há vários anos já estamos discutindo sobre os nossos valores culturais, mas poucos elementos culturais são colocados em prática nas nossas catequese, celebrações de missas e culto, celebrações de sacramentos. Esperamos que em algum dia aumente nossa sensibilidade com relação aos nossos valores. Neste sentido, não adianta os missionários insistirem sobre tal importância se o povo não está aberto para estas novidades. De qualquer maneira teremos que insistir na conscientização sobre os nossos valores. Com certeza, algum dia, em alguma comunidade, alguém começará a introduzir os nossos valores nas celebrações.

Além destes dois temas que aprofundamos durante este curso (2004) ficam para outro curso mais três temas: os benzimentos (basesê), o nome da pessoa (baséke-wamé) e evangelização inculturada (propostas práticas para diversas celebrações). Com certeza o leitor irá gostar muito destes temas. Espere!

Agradecemos a todos àqueles que com a sua palavra, sabedoria, sorriso, alegria, simplicidade, medo, timidez... e com as orações ajudaram para que este texto se tornasse uma realidade. Agradecemos a toda equipe de preparação do curso, aos familiares que vieram acompanhar os dias de trabalho, aos jovens que participaram com alegria, as mulheres que deixaram seus filhos e afazeres para colaborar com a sua feminilidade. Deus criador de todos os povos abençoe todos os nossos trabalhos! Os nossos sábios avôs nos protejam!

Pe. Justino Sarmiento Rezende

CAPÍTULO 1

O PARENTESCO

“O sistema de parentesco, refere-se a um sistema estrutural de relações, no qual os indivíduos encontram-se unidos entre si por complexo interligado de laços ramificados (Murdock); “reconhecimento social de laços biológicos” (Rivers); “funções interagentes, atribuídas, segundo o costume, por um povo, aos diferentes *status* de relacionamento” (Hoebel e Frost)¹.

Introdução

Nesta parte apresento o resumo de estudos feitos pelos grupos sobre o tema “Parentesco”. Como já dissemos anteriormente, muitas coisas que foram ditas não conseguimos anotá-las. Porém aquilo que conseguimos está aqui.

Como são trabalhos de diferentes grupos, muitas descrições e definições são muito semelhantes, isto é, as idéias parecem ser repetidas. Aconteceu assim, porque todos os grupos desenvolveram e aprofundaram todos os temas propostos. Pela repetição percebemos que os conhecimentos que as pessoas têm se parecem e não há grandes diferenças de conhecimentos.

Outros elementos que o leitor encontrará neste texto são citações bíblicas. Este trabalho foi feito em outros momentos (outros cursos específicos). A razão da existência destas citações bíblicas é porque o texto será utilizado na catequese, nos cultos dominicais e outros.

Ao longo da elaboração do texto, foram acrescentados outros elementos que não saíram nas oficinas (nos estudos de grupos), mas são frutos de reflexões, encontros e outras leituras que eu fui acrescentando para o enriquecimento do texto.

Façamos um bom proveito deste texto. Não pretendemos esgotar os assuntos, por isso, o leitor sinta-se livre para acrescentar, aprimorar, tirar elementos presentes neste texto. Ninguém é dono absoluto do saber humano.

ESTUDOS DOS GRUPOS

1. O parentesco 1 (batismo)

Deus Pai, Filho e Espírito Santo ao criar o ser humano (povos indígenas), criou-o à sua imagem e semelhança: “*Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou*” (Gn 1,6-7).

A nossa origem indígena (cada etnia) saiu do coração de Deus, Ele age como comunidade (Pai, Filho e Espírito Santo): “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Gn 1,26); “*Então Javé Deus modelou o homem com a*

¹ Marina de Andrade Marconi, *Antropologia: uma introdução*, 4ª ed., São Paulo, Atlas, 1988, p. 116.

argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7).

Nós, povos indígenas, de diversas etnias por causa deste projeto de Deus (projeto comunitário), já trazemos dentro da nossa humanidade (ser indígena), dentro do nosso coração, a divindade (o ser de Deus) que se manifesta nas nossas riquezas culturais: *“E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom” (Gn 1,31).* Assim entendemos que todas as nossas riquezas culturais são presentes de Deus para nós. Diante desta afirmação nós podemos rever toda a nossa vida e, principalmente, assumir a tarefa de valorizar mais as nossas riquezas culturais.

Os nossos avôs dedicaram suas vidas construindo as nossas culturas. Eles conseguiram construir muitas riquezas dentro de suas etnias porque Deus estava agindo através deles. Assim temos certeza de que Deus já estava presente com os povos indígenas desde o surgimento de cada povo (mito de origem do mundo e da humanidade).

Este nosso trabalho quer ser um instrumento para nos ajudar no conhecimento de nós mesmos (autoconhecimento) como povos indígenas e as nossas culturas (nossas riquezas).

Os estudiosos dizem que a “cultura é um comportamento aprendido; cultura consiste em idéias; Edward B. Tylor (1871): “cultura... é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”; Ralph Linton (1936): “cultura consiste na soma total de idéias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquiriram por meio da instrução ou imitação e de que todos, em maior ou menor grau participam”². Além destes conceitos, colocados como exemplos, encontraremos centenas de definições sobre a questão da cultura.

Para nós (indígenas) culturas são todos os elementos que demonstram os nossos trabalhos, nossos modos de trabalhar, diversas maneiras de pescar, diversas formas de conhecimento e prática de caça, diversos rituais, danças, cerimônias; culturas são nossas formas de pensamentos; culturas são as diversas maneiras de relacionarmos com a natureza e com o mundo.

Ao longo de nossas convivências, como indivíduos e comunidades, praticamos muitos valores na *forma como nossos pais os viveram e nos ensinaram*. Assim, acreditamos que estamos dando continuidade na prática dos valores e, também criamos novos valores. Temos consciência também, que no contato com outros povos indígenas e não-indígenas adquirimos outros valores: *“E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra” (Gn 1,28).* As mudanças que ocorrem dentro de nossas culturas mostram que todas as nossas culturas são dinâmicas (se movimentam), são vivas e atuantes. A cada tempo, alguns elementos de nossas culturas morrem e renascem com um novo jeito em outras épocas.

Convivendo com os nossos parentes e membros de outros povos, enriquecemo-nos cada vez mais, isto é, outros nos ensinam e nós ensinamos aos outros: *“O Faraó disse a José: “Eu sou o Faraó, mas sem ti ninguém moverá a mão nem o pé em todo o Egito”. O Faraó deu a José o nome de Safenat Fanec e deu-lhe em casamento Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. José viajou por toda a terra do Egito. José tinha trinta anos quando se pôs a serviço do Faraó, rei*

² Marina de Andrade Marconi, *Antropologia: uma introdução*, 4ª ed., São Paulo, Atlas, 1988, p. 42-43.

do Egito. José saiu da presença do Faraó e percorreu todo o Egito” (Gn 41,44-46).

Nós indígenas acreditamos que nós aprendemos valores em diversos lugares e em diversos momentos de nossas vidas: convivência nas aldeias, convivendo com as famílias e com os nossos parentes; aprendemos durante os trabalhos comunitários; aprendemos participando das festas tradicionais; aprendemos durante as pescarias e caçadas; aprendemos participando das reuniões comunitárias e assembléias; aprendemos na escola; celebrações religiosas cristãs nos ensinam muitos valores; aprendemos com diversos rituais de cada etnia: nascimento, nomeação, iniciação à alimentação, casamento, mortes; superação de diversos problemas: *“Depois de cumprirem tudo conforme a Lei do Senhor, eles voltaram para Nazaré, sua cidade, na Galiléia. O mesmo foi crescendo, ficando forte e cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele”* (Lc 2m39-40).

Para nós indígenas, todos os momentos, pequenos e grandes, são momentos que nos possibilitam para a aprendizagem e expressão de nossos valores: a humildade, o respeito, a alegria, a partilha, a tranquilidade, a solidariedade, a música, a dança, a bebida, a comida, a sabedoria, a cura, a convivência familiar, trabalho, pescaria, preparação de farinha e beiju, nossa quinhapira, trabalho de roça, trabalhos e festas comunitárias: *“Todos os anos, os pais de Jesus iam a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando completou doze anos, eles foram para a festa, como de costume. Terminados os dias da festa, enquanto eles voltavam, Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais percebessem. Pensando que se encontrasse na caravana, caminharam um dia inteiro. Começaram então a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Mas como não o encontrassem, voltaram a Jerusalém, procurando-o. Depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas”* (Lc 2,41-46).

Somos sabedores de que as nossas vidas e comunidades indígenas são vivas, dinâmicas e criativas. Neste dinamismo (funcionamento), são visíveis (aparecem) aos nossos olhos, as qualidades e as limitações (defeitos) pessoais e comunitárias. Muitas vezes nós temos dificuldades de enxergarmos as coisas boas que realizamos e facilidade para enxergarmos as coisas negativas. Precisamos aprender a enxergar mais as coisas boas que as pessoas e comunidades realizam para ajudarmos no nosso crescimento como povo indígena e como cristãos.

O objetivo (onde queremos chegar) de toda comunidade é a participação de todos os membros em diversos momentos de sua vida. Mas sabemos que esta participação plena está longe de acontecer e, por isso, continua sendo um desafio para a nossa existência humana: *“Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo”* (Atos 2,42-44.47).

Somos testemunhas de que as nossas comunidades, apesar dos erros de seus membros, continuam trabalhando e crescendo. O nosso coração humano procura sempre alcançar as coisas melhores. Por isso, não paramos de trabalhar como família e como comunidade para conseguirmos aquilo que queremos ser e ter: *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum”* (Atos 4,32).

Em nossas comunidades, sentimos que mais do que julgar/condenar as pessoas pelos seus erros, precisamos aprofundar/praticar o perdão e ajudá-las para que haja a superação dos problemas: *“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e vos será dado. Uma boa medida, socada, sacudida e transbordante será colocada na dobra da vossa veste, pois a medida que usardes para os outros, servirá também para vós”*(Lc 6,37-38).

As pessoas nascem, crescem e se aperfeiçoam a cada momento. Deste modo ninguém pode dizer que sabe tudo e dizer que é melhor que os outros: *“Revesti-vos todos de humildade no relacionamento mútuo, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes”* 1Pd 5,5). Precisamos criar uma abertura da mente e do coração para aprender com outros povos, com outras etnias. Por outro lado, devemos estar disponíveis para ensinar os valores de nossas etnias aos membros de outras etnias.

Para nós, é muito importante conhecer, praticar e desenvolver os nossos valores, individual e comunitariamente. Para que isso possa acontecer entre nós e em nossas etnias, todos somos responsáveis. Este trabalho não significa simplesmente repetir as práticas do passado, mas adequá-las aos novos tempos. Entre nós, muitas vezes ficamos com saudades do estilo de vida de nossos avôs e lamentamos que não sabemos mais de nada. É importante reconhecermos que em nossas vidas estão presentes muitos valores diferentes do passado. Os valores do passado se fazem presentes em nossos tempos de forma diferente do que nos tempos passados.

Em todas as famílias há preocupação pela formação do homem e da mulher indígena. Essa formação indígena é a base para um cristianismo inculturado: indígena cristão. A Igreja, no mundo inteiro se preocupa para que a evangelização de um povo seja feita a partir de sua cultura. É esta a realidade que estamos vivenciando aqui: construir uma *Inculturação do Evangelho*: *“Então, os apóstolos e os anciãos reuniram-se para tratar desse assunto. Depois de longa discussão, Pedro levantou-se e falou: “Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, Deus me escolheu dentre vós, para que os pagãos ouvissem de minha boca a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. Ora, Deus, que conhece os corações, lhes prestou uma comprovação, dando-lhes o Espírito Santo como o deu a nós. E não fez discriminação entre nós e eles, mas purificou o coração deles mediante a fé. Então, porque agora colocais Deus a prova, querendo impor aos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós mesmos pudemos suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que cremos ter sido salvos, exatamente como eles”* (Atos 15,6-11).

Nós temos contato com a história da evangelização das nossas etnias. Nos primeiros momentos da evangelização, alguns missionários não conseguiram entender o sentido profundo de nossos valores e suas práticas. E, alguns deles provocaram a destruição de muitas práticas culturais. Não por culpa deles aconteceu esta prática, pois era a prática da Igreja naquele momento.

Na Igreja de hoje os missionários devem ser diferentes. Ao invés de destruir as práticas culturais de um povo, deverão ajudar no seu resgate, fortalecimento e prática dos valores. O documento de Santo Domingo coloca a evangelização inculturada como um imperativo (mandato) de seguimento de Jesus Cristo: *“A inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo. Labor que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte”* (SD, 13).

Também, nós indígenas estamos conscientes de que abraçar a fé cristã é abraçar as nossas culturas e, somente assim surgirá um novo modelo de vida indígena e cristã. Não podemos nos tornar vítimas de uma ideologia que vive culpando o passado. Precisamos ser protagonistas de nova história. Na consciência de muitos indígenas existe ainda, a idéia de que ser cristão é deixar de praticar os valores culturais. A mudança desta mentalidade levará algumas décadas, pois durante várias décadas criou-se a mentalidade de que ao se tornar cristão teria que abandonar as práticas culturais indígenas (rituais, benzimentos, instrumentos, danças...).

Já sentimos que algo novo está surgindo no meio de nós: músicas e celebrações nas diferentes línguas indígenas, orações, danças, símbolos. São sinais de algo está renascendo nos indígenas cristãos. Porém há grande resistência da maioria, isto é, muita gente não gosta que se fale de cultura indígena nas celebrações de missas. Mas é necessário ter a paciência para não estragar a caminhada de reconstrução do povo.

Nós acreditamos na presença de Deus no meio de nós, nas nossas culturas. Ele já estava presente entre nós, antes da chegada dos primeiros missionários. Foi Ele que inspirou aos nossos avôs tanta sabedoria e criação de tantos valores. Ele continua realizando muitas coisas novas em nós. Ele é a fonte inesgotável de bondade para todos os povos. Nós precisamos beber dessa fonte. As nossas culturas têm sua origem em Deus. As nossas culturas são dons de Deus para nós: *“Os povos indígenas de hoje cultivam valores humanos de grande significação. Eles têm, nas palavras de João Paulo II, “a certeza de que o mal se identifica com a morte e o bem com a vida” (João Paulo II, Mensagem aos indígenas, 2). Esses valores e convicções são frutos das “sementes do Verbo” que estavam já presentes e atuantes nos seus antepassados, para que fossem descobrindo a presença do Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe terra etc. (SD, 245).*

Nos tempos atuais, a ação de Deus faz surgir um novo jeito de sermos povos indígenas e povo cristão. Novos valores surgem através de nossas reflexões, trabalhos, preocupações, estudos, cerimônias, rituais. Os nossos olhares críticos nos ajudam a enxergar as maravilhas que acontecem dentro de nossas culturas e, também a enxergamos as coisas negativas; conseguimos enxergar aquelas práticas que precisam ser aprimoradas e fortalecidas; enxergamos também, aquelas práticas destrutivas que precisam ser destruídas e esquecidas.

Reconhecemos que dentro de nossas culturas existem valores permanentes: *acolhida, hospitalidade, solidariedade, partilha, respeito à natureza, a esperança de uma vida melhor, fraternidade entre as diversas etnias*. Estes valores acontecem de forma muito simples e diariamente.

As influências externas (escolas, meios de comunicação...) muitas vezes influenciam negativamente e fazem com que diminua a prática de valores acima citados. Conduzem as nossas práticas para a *competição, individualismo e lucro*. Perante estas influências temos a consciência de nossa responsabilidade de fortalecer os nossos valores culturais, que para nós são dons de Deus: *partilha, compreensão, solidariedade, hospitalidade*.

Se as nossas culturas são dons de Deus precisamos abraçá-las com muito carinho. Nas nossas culturas está presente está o próprio Deus. Ele nos dá o presente de sermos indígenas pois Ele quer nos amar como indígenas. Daí a importância de conhecer, reconhecer, aprofundar e assumir os nossos valores,

com seus significados e práticas. Em outras palavras, devemos *amar as nossas culturas*: “*Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus! E nós o somos!*” (1Jo 3,1)

A criação e o fortalecimento da atitude de amor para com as nossas culturas deve partir do interesse de cada pessoa, incentivada pelas famílias e comunidades. Nós só podemos amar as nossas culturas se as conhecermos. Os espaços donde se aprende e vive os valores são a família e a comunidade. Os pais são os primeiros educadores de seus filhos para os valores e as práticas. Eles *falam e mostram* o sentido das culturas (etnias). No seio familiar nós aprendemos a respeitar, amar e valorizar as pessoas de nossa etnia e, de outras etnias: “*Meu filho, não te esqueças da minha ilustração e teu coração guarde meus preceitos: pois eles trarão dias duradouros para ti, muitos anos de vida e a paz. Misericórdia e a verdade não te abandonem: ata-os ao teu pescoço, inscreve-as nas tábuas do teu coração, e alcançarás graça e bom sucesso diante de Deus e dos outros*” (Pr 3,1-4).

Os pais têm o dever e a obrigação de ensinar a viver os valores culturais aos seus filhos. Para que este processo aconteça na família, eles próprios, pai e mãe devem conhecer suas culturas. Caso contrário, este processo não vai acontecer. Aqui está a nossa tarefa: educar os pais.

Os membros de uma aldeia possuem uma tarefa muito importante na educação aos valores. A aldeia é um espaço de ensino e aprendizado. Ela é a mãe que deve educar seus filhos através de diversas pessoas que formam a comunidade: *pais, líderes, anciãos, sábios, músicos, dirigentes de danças, benzedores, curandeiros, pajés, mulheres donas do saber, os jovens com seu dinamismo*.

Conhecemos como as nossas aldeias se modificam nestes últimos anos. Vemos que algumas aldeias desapareceram, outras sobrevivem com poucas pessoas e outras aumentam. Com esta transformação percebemos que surgem novas concepções sobre a vida.

Novos modelos de organização social são assumidos e novos líderes são constituídos. Por um lado, favorecem novos resultados na convivência humana e, por outro, criam conflitos entre a tradicional organização social e liderança tradicional.

A evangelização inculturada é testemunho de uma atitude de respeito e acolhida das culturas, por causa de Deus e da obra que Ele realizou no seio delas. É assumir a luminosidade das culturas, mas também seu lado sombrio para poder ajudá-las a sair deste lado sombrio.

Diante de novos modelos que chegam em nossas aldeias, trazidos pelos nossos próprios parentes, existe uma resistência positiva para defender os nossos valores étnicos: consideração de parentesco, maneira de constituir casamentos, educação de filhos. Porém, sabemos que as nossas culturas não podem ficar fechadas para si mesmas e para com as outras. Elas devem estar abertas para aprender novos conhecimentos e novas práticas de vida. Estamos prontos também, para ensinar os nossos conhecimentos e nossas práticas de vida para os outros.

Em muitos momentos, o encontro de várias culturas e diferentes práticas cria conflitos e, por isso, é necessário estabelecer normas/leis para que a nossa vida continue funcionando bem: “*Este é o mandamento, estas são as leis e os decretos que o Senhor, vosso Deus, ordenou que eu vos ensinasse, para que os*

observeis na terra em que ides entrar para dela tomar posse. Assim, temerás o Senhor, teu Deus, observando durante toda a vida todas as leis e mandamentos que te prescrevo a ti, a teus filhos e netos, a fim de que se prolonguem teus dias. E tu, Israel, ouve e cuida de os pôr em prática, para seres feliz e te multiplicares sempre mais, na terra onde corre leite e mel, como te prometeu o Senhor, o Deus de teus pais” (Dt 6,1-3).

Poderíamos descrever o funcionamento da vida dentro das culturas indígenas desta região, mas com certeza não esgotaríamos neste texto. Citamos esta prática, somente como exemplo de como funcionava no passado: o casamento era assim: *a minha irmã (Tuyuka) casava obrigatoriamente com um rapaz de outra etnia (Tukano ou outro) e a família do rapaz devia dar a filha (ou parenta) em troca para um irmão meu ou para o meu parente.* Esta prática é muito comum, ainda no meio de muitas famílias em nossa região. Aqui não entra a questão da escolha pessoal de quem vai casar. Dependia muito dos pais, a escolha da mulher para o filho. E, também da possibilidade de tê-la na família e na etnia.

No passado, entre os membros de uma mesma etnia existia um grande respeito e este respeito se estendia para os membros de outras etnias. Vejamos um exemplo: *entre os membros de uma mesma etnia havia um sentido de família consangüínea e não acontecia casamento entre eles, pois eles se sentiam como irmãos e irmãs da mesma família.* Os membros da mesma etnia consideravam-se como irmãos e irmãs.

Queremos dizer para nós mesmos, que nós indígenas, de diversas etnias não somos apenas herdeiros das sabedorias cultivadas e vivenciadas pelos nossos avôs, mas somos criadores de novos saberes, conhecimentos e ações que constróem a vida atual.

Admitimos porém, que toda mudança é dolorosa ou alegre, tanto para quem está modificando como para aqueles que recebem as mudanças. Acontecem adaptações, algumas vezes as mudanças demoram a acontecer, outras vezes causam desequilíbrios e inseguranças nas pessoas. Os mais velhos resistem diante das mudanças e os mais jovens resistem às atitudes dos mais velhos. Estes conflitos, se bem conduzidos nos levam para o amadurecimento e enriquecimento de todos.

As transformações culturais criam em nós novos comportamentos, novas maneiras de ver e viver a vida, novos pensamentos e novas práticas de trabalho, novas relações parentais, novas práticas religiosas.

A preocupação com o desaparecimento de algumas práticas tradicionais tem sua razão de ser, pois muitos valores ficaram no esquecimento por falha da nossa educação indígena para com as novas gerações. Uma realidade que conduz os jovens para os novos parâmetros de vida é a educação escolar. Atualmente se repensa muito no serviço que a educação escolar presta para as nossas comunidades. Sabemos que nossos jovens aprendem muitas coisas novas e de outras culturas não-indígenas, mas sentimos que falta insistir mais para o ensino de nossos valores na instituição escolar.

No passado, os internatos das missões salesianas (neles, maioria de nós passou) provocaram uma ruptura no percurso da educação indígena, impedindo a prática dos diversos rituais indígenas. Os internatos direcionaram gerações e gerações para novos horizontes de vida. Não estamos dizendo que tudo o que aprendemos nos internados não serviu para as nossas vidas, pelo contrário, muitas práticas serviram e servem para as nossas vidas e comunidades.

Estamos agora fazendo o caminho de retorno para as nossas origens. Achamos que é difícil fazer esse caminho, porém este é o caminho que devemos percorrer. Neste caminho, iremos resgatar os nossos valores étnicos para vivenciá-los no mundo de hoje, de forma diferente do passado, as nossas músicas, danças, rituais, ritos.

A prática da evangelização também mudou. Ela própria nos incentiva para a valorização das nossas culturas. Agora somos nós que devemos estabelecer novos caminhos e novas práticas para a evangelização de nossos irmãos. É a nossa vez de evangelizar, com todos os valores que possuímos. Também cabe a nós, deixar para trás, tudo aquilo que é destrutivo, mesmo que seja de nossas etnias, nossas culturas.

Para este processo de valorização de nossas culturas, a família é a primeira responsável. A família é a educadora de filhos e dos netos. É muito importante a valorização dos anciãos neste processo, pois eles são os guardiões das sabedorias. Eles devem ensinar as verdades de suas culturas, de suas etnias para as novas gerações.

A vivência dos valores gera nas pessoas e comunidades relações fraternas entre os membros das diversas etnias. Destas relações fraternas surge a felicidade: ambiente de respeito nas festas, partilha de alimentos, participação nos trabalhos comunitários, cooperação nas necessidades dos irmãos, educação feita com amor e alegria, organizações indígenas confiáveis, organizações políticas autenticamente voltadas para o bem comum, participação ativa nas festividades religiosas: *“Enquanto Jesus estava falando às multidões, sua mãe e seus irmãos ficaram do lado de fora, procurando falar com ele: Alguém lhe disse: ‘Olha! Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo’. Ele respondeu àquele que lhe falou: ‘Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?’ E estendendo a mão para os discípulos, acrescentou: ‘Eis minha mãe e meus irmãos. Pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe’* (Mt 12,46-50).

Ouvindo e vendo as práticas de nossos pais que começamos a valorizar e praticar os conhecimentos das nossas culturas. Estamos falando de nossos pais, por serem eles os primeiros educadores, mas todos somos responsáveis para uma boa convivência. Neste sentido, insistimos que o resgate dos valores culturais/étnicos aconteça entre todos: adultos, jovens e mulheres. Principalmente, devemos aproveitar para aprender dos mais velhos suas sabedorias.

Quando usamos o termo *educação indígena* referimo-nos ao *modo* como nós indígenas ensinamos para os nossos filhos, o *conteúdo* que ensinamos para que eles sejam bons indígenas, a *sabedoria* que transmitimos, os *valores* que cada etnia possui, as *danças, mitos, ritos* indígenas.

Percebemos que muitas famílias assumem verdadeiramente o ensino de valores para os seus filhos. Nelas se aprendem o sentido e a prática de relacionamentos do parentesco. A nossa educação indígena é feita mais com a prática de vida do que com as palavras. Diante disso, os filhos ouvem (escutam), vêem (olham) e fazem (praticam).

Na situação atual, também os pais e as mães não estão por dentro dos valores indígenas, valores de sua etnia e, esta situação dificulta o ensino dos valores para os seus filhos e filhas. Então é necessário que todos nós façamos um esforço para buscarmos os nossos conhecimentos.

2. O parentesco 2 (eucaristia)

O significado de parentesco abrange muitos aspectos da nossa vida: nossa compreensão sobre relacionamento de pessoas, membros da mesma etnia e de outras; diversas maneiras de praticar os valores ao longo da história; personalidades e etnias ligadas ao nosso ser: *“Lista dos antepassados de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão: Abraão gerou Jacó, Jacó gerou Judá e seus irmãos...”* (Mt 1,1ss).

O estudo do parentesco nos ajuda a aprofundarmos o sentido de sermos irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo pai ancestral. Deste modo aprendemos a respeitar, amar e valorizar a vida de nossos parentes; riquezas, roças, trabalhos, músicas, danças, conhecimentos, sabedorias, benzimentos, ritos, mitos, histórias, artesanatos; aprendemos a conhecer as outras etnias; aprendemos a ajudar aos outros em suas necessidades: *“Naqueles dias, Maria partiu apressadamente para a região montanhosa, dirigindo-lhe a uma cidade de Judá. Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel; Maria ficou três meses com Isabel. Depois voltou para sua casa”* (Lc 1,39-40;56; cf. também, Jo 15,15).

O parentesco, também está muito ligado aos familiares da nossa mãe e do nosso pai. Todos eles são considerados nossos parentes: tios, tias, primos, primas, sobrinhos, sobrinhas, avôs, avós... Todos eles merecem nosso respeito e valorização de acordo com a consideração que aprendemos: *“Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus. Ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Ao seu redor estava sentada muita gente. Disseram-lhe: “Tua mãe e teus irmãos e irmãs estão lá fora e te procuram. Ele respondeu: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?” E passando o olhar sobre os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”*” (Mc 3,31-35).

Para que exista a valorização e consideração de parentesco há necessidade de conhecermos como se constituem estes relacionamentos entre as pessoas da mesma etnia e com as pessoas de outras etnias. Os nossos pais e os nossos avôs têm a tarefa de ensinar-nos. Por outro lado, nós mesmos devemos ter o interesse para buscarmos conhecimentos a respeito do parentesco.

Através do casamento vai aumentando o círculo de nosso parentesco. Por isso, que os casamentos são constituídos entre um homem e mulher de diferentes etnias. Os membros de uma mesma etnia se consideram irmãos e irmãs, família consangüínea, isto é, do mesmo pai e da mesma mãe ancestral. Com a entrada de uma mulher de outra etnia, acrescenta-se na etnia do outro sentido de parentesco com os familiares dela. Com a saída da mulher de nossa etnia para outra etnia surge outro sentido de parentesco com os familiares do marido dela.

Nós consideramos nossos parentes todos aqueles que são membros da nossa etnia e os membros da etnia da nossa mãe. Do relacionamento parental surgem novos comportamentos com as pessoas: nos cumprimentos, nas saudações, nos tratamentos, nas conversas, nas brincadeiras, nos trabalhos...: *“Pensando que se encontrasse na caravana, caminharam uns dias inteiros. Começaram então a procurá-lo entre os parentes e conhecidos”* (Lc 2,44).

O parentesco orienta-nos para o sentido de *família* maior. As diversas pessoas que de algum modo estão ligados à nossa família ou à nossa etnia tornam-se nossos parentes. Os parentes devem ser respeitados e valorizados:

visitados, acolhidos, ajudados, convidados... Eles formam a nossa família. Entre os parentes deve existir uma unidade na vida social e espiritual, isto é, deverá existir partilha e participação nas sabedorias: *“Se teu irmão empobrecer e vender parte da propriedade, o parente mais próximo, que tem o direito de resgate, virá resgatar o que foi vendido pelo irmão”* (Lv 25,25).

A educação dos filhos é responsabilidade da família. No primeiro momento, entendemos a família biológica (quem gera filhos) e no segundo momento, a família étnica (parentes). O pai e a mãe ensinam e educam seus filhos para a vida a partir dos conhecimentos e práticas de sua etnia: *“Por aquele tempo nasceu Moisés. Era belo aos olhos de Deus. Durante três meses foi criado na casa paterna. Enjeitado, adotou-o a filha de faraó, que o criou como filho seu. Assim, Moisés foi instruído em todo o saber dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras”* (Atos 7,20-22).

As nossas aldeias são espaços apropriados para o ensino, aprendizagem e prática de valores culturais. Cada etnia tem a sua maneira de ensinar a vivência dos valores. Cada etnia fala de suas doutrinas, suas sabedorias, seus conhecimentos, suas técnicas de trabalho, suas danças, suas músicas... Com o empenho das etnias em fortalecer seus valores, tornaremos povos indígenas fortes, capazes de superar as diversas dificuldades da vida e construir vida digna para todos: *“Surgiu no Egito um novo rei, que não conhecera José. Ele disse a seu povo: “Olhai como a população israelita ficou mais numerosa e mais forte do que nós. Vamos tomar providências em relação a eles, para impedir que continuem crescendo e, em caso de guerra, se unam aos nossos inimigos, lutem contra nós e acabem saindo do país”*” (Ex 1,8-10).

Vivendo os nossos valores étnicos educaremos as gerações novas dentro do nosso jeito de ser e de fazer (nossas culturas). A partir disso, eles serão mais conscientes e praticantes daquilo que estamos buscando (valorização e prática dos valores culturais). Não serão exatamente do jeito que nós sonhamos para eles, mas saberão construir uma vida diferente e melhor com os valores que aprenderem de nós.

A união entre as diversas etnias torna-se uma exigência para o fortalecimento da sociedade indígena. Os novos desafios exigem mais diálogo entre pais e filhos; diálogo entre as diversas etnias; diálogo entre as diversas personalidades; diálogo entre as diversas instituições, diálogo entre os diversos profissionais. Temos a certeza de que com a prática do diálogo haverá mais respeito e consideração entre nós, indígenas de diferentes etnias. Sem esta prática aumentará a discriminação de uma etnia para com a outra, entre os parentes e irmãos. O diálogo gera uma convivência humana mais fraterna.

Ouvimos dizer que os nossos avôs e nossos pais viviam com mais profundidade a união com os outros, cultivando a hospitalidade (acolhida), respeito, fraternidade, partilha, solidariedade, mútua ajuda, alegria. Viviam também, em comunhão respeitosa com o cosmo (mundo), as florestas, os rios, as pedras, as cachoeiras, os lagos, o tempo, as estações, chuva, sol, lua, estrelas, animais, trovões, espíritos... Este respeito para com o mundo (cosmo) gerava a harmonia entre os seres humanos e a natureza. Diziam que quando o ser humano não respeitava a natureza ela se vingava, pois ela é vida, por isso, tem seus sentimentos, tem raiva, tem alegria, respeito, revolta, amor, respeito.

O nosso esforço agora é resgatar todos estes valores que ao longo destes últimos anos, por causa da influência externa, foram enfraquecidos e esquecidos. As nossas culturas são fontes de vida, de sabedoria, de conhecimentos, de alegria, de riqueza...: *“A samaritana disse a Jesus :”Como é que tu, sendo judeu,*

pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?” De fato, os judeus não se relacionam com os samaritanos. Jesus respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva”. A mulher disse: “Senhor, não tens sequer um balde, e o poço é fundo; de onde tens essa água viva? Serás maior que nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual bebeu ele mesmo, como também seus filhos e seus animais?” Jesus responde: “Todo o que bebe desta água, terá sede de novo; mas quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4, 9-14).

A nossa compreensão de parentesco nos ensina a considerar as outras pessoas como nossos irmãos. Desde a nossa origem como grupos já vivemos em comunhão com outros. Em nossas culturas existiam os sábios que nos orientavam por onde deveríamos caminhar. A tarefa de sábios é grande dentro das etnias, pois eles são os responsáveis para a transmissão das sabedorias e conhecimentos que os nossos avôs foram criando. Nós, atuais indígenas somos herdeiros das riquezas do passado. Aprendendo bem os nossos valores saberemos criar harmonia entre os seres humanos e a natureza: *“Deus disse: “Eis que vos dou, sobre toda a terra, todas as plantas que dão semente e todas as árvores que produzem seu fruto com sua semente, para vos servirem de alimentos. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os animais que se movem pelo chão, eu lhes dou todos os vegetais para alimento” (Gn 1,29-30).*

Em nosso meio, hoje, há muito individualismo, discriminação, indiferença perante as necessidades das pessoas, por isso, precisamos praticar os valores como a partilha, a solidariedade como os nossos avôs: *“Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me” (Mt 25,34-36).*

A prática de costumes milenares foi interrompida pelas influências do mundo externo, principalmente, pela prática da evangelização e educação escolar. Assim as gerações mais novas foram se afastando das práticas de rituais, de danças, de conhecimentos, sabedorias de nossos avôs. Por isso, quando queremos resgatar os nossos valores culturais sentimos dificuldades e sentimos uma certa revolta com a prática da evangelização do passado e das influências do sistema educacional escolar: *“Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim para abolir, mas para cumprir”. Em verdade, eu vos digo: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem uma só letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça” (Mt 5,17-18).*

Para vivermos os valores do parentesco há necessidade de retomar um novo modelo de educação na família e nas escolas. Nós cristãos temos que viver a nossa vida a partir dos valores das nossas culturas. Devemos também, viver os valores do Evangelho dentro de nossos valores culturais. Sabemos que Jesus não desprezou os valores culturais de sua época: *“E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós. Nós vimos a sua glória, glória como do filho único da parte do Pai – em plenitude de graça e de verdade” (Jo 1,14).*

Para nós cristãos, o seguimento de Jesus Cristo nos torna irmãos e irmãs. Entra uma nova relação de pessoas, um novo sentido de parentesco: *“Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus. Ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Ao seu redor estava sentada muita gente. Disseram-lhe: “Tua mãe e teus irmãos e irmãs estão lá fora e te procuram. Ele respondeu: “Quem é minha*

mãe? Quem são meus irmãos?” E passando o olhar sobre os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,31-35).

Embora tenhamos adquirido novos costumes, novas maneiras de relacionamentos humanos, não devemos esquecer, a forma como funcionava a nossa relação com outras etnias. Vejamos como funciona: tarianos e dessanos são parentes próximos, isto é, são primos irmãos; os familiares de nossos pais e da nossa mãe são nossos parentes legítimos; os homens tarianos, casavam-se com as mulheres tukanas e com as mulheres de uma ou outra etnia.

Nós devemos valorizar muito o sentido do parentesco dentro da família e dentro da comunidade; temos a tarefa de ensinar, aprofundar, aperfeiçoar os nossos valores étnicos para com os nossos filhos e filhas. Os tempos em que vivemos são novos, mas devemos fazer esforços para evitarmos casamentos com as pessoas da mesma etnia.

A educação indígena nos ensina a classificação étnica. Porém, hoje há necessidade de fortalecermos a nossa educação indígena. Não se trata aqui de uma educação escolar indígena. Ao falarmos da educação indígena estamos pensando naquela forma como os nossos avôs transmitiam os valores para os seus filhos e netos com palavras e práticas.

Ao falarmos da educação indígena não estamos propondo um regresso ao passado e permanecermos lá. Pelo contrário, voltar às nossas origens significa buscar todas as sabedorias de nossos avôs para que nos ensinem a viver melhor, hoje. O nosso passado contém grandes sabedorias sobre as nossas culturas. Por isso, o passado é uma fonte inspiradora para a prática de valores étnicos.

As diversas formas de organização étnica e parental deverão ser vividos no dia-a-dia da vida familiar, na vida comunitária, nas festas, na partilha... Estas formas ajudarão a estabelecer uma renovada convivência baseada no respeito, compreensão, acolhida, ajuda mútua, solidariedade.

No passado esses valores eram bem praticados porque desde a infância dos filhos os pais já ensinavam as maneiras como deviam se comportar na vida social, com os parentes da mesma aldeia, com os parentes distantes e com os primos. Todas estas formas já criavam na pessoa, desde muito cedo, um espírito de família.

Na educação dos filhos, hoje, há necessidade de cultivar os elementos importantes para diminuir conflitos entre os mais velhos e mais novos: diálogo, respeito, paciência... Olhando para o passado podemos descobrir nas práticas de nossos avôs, alguns elementos indispensáveis utilizados na educação: firmeza, obediência, seriedade... Hoje deixamos de lado estes valores tão necessários em qualquer forma de educação: *“Meu filho, não te esqueças da minha instrução e teu coração guarde meus preceitos: pois eles trarão dias duradouros para ti, muitos anos de vida e a paz. A misericórdia e a verdade não te abandonem: atas ao teu pescoço, inscreve-as nas tábuas do teu coração, e alcançarás graça e bom sucesso diante de Deus e dos outros” (Pr. 3,1-4).*

O diálogo é necessário porque, tanto os jovens como adultos são possuidores de conhecimentos. Os jovens não aceitam as atitudes impositivas de adultos e os adultos não permitem a desobediência. O diálogo colocado em prática entre as diversas gerações enriquecerá as culturas.

A *compreensão* das pessoas e das diversas situações fará com que surja e amadureça o respeito diante das diversas convicções étnicas, sociais, culturais, religiosas... A compreensão da vida e de tudo aquilo que a envolve leva o ser humano para novas realidades: *“Promulgaste teus preceitos para serem observados fielmente. Sejam seguros meus caminhos para eu guardar os teus estatutos. Então não terei de envergonhar-me se tiver obedecido a teus preceitos. Vou te louvar com um coração sincero quando aprender tuas justas normas”* (Sl 119,4-7).

A *paciência* é uma das qualidades que precisamos cultivar para que consigamos amadurecer nossos trabalhos e nossos projetos de vida. Na ausência desta qualidade surge a frustração e desânimo (desistência) nos trabalhos. A impaciência nos leva para a eliminação de muitas vidas. A paciência poupa muitas vidas e muitas ações: *“Por isso, Deus é paciente para com os mortais e sobre eles derrama a sua misericórdia. Ele viu a presunção do seu coração, que é mau; e sabe da sua perversão, que é ímpia. Por isso, redobra a sua benevolência para com eles e lhes mostra o caminho da equidade. A compaixão de uma pessoa se volta para seu próximo; a misericórdia de Deus, porém, para todo ser vivo!”*(Eclo 18,9-12; cf.: Eclo 1,29-30).

A família é a base de uma existência humana digna. A família origina-se da união conjugal. As famílias são estruturas que sustentam uma sociedade, uma etnia. Entre nós a constituição familiar acontece de diversas maneiras, variando apenas na sua prática. Até hoje, a menina sai do seio familiar para casar com um homem de outra etnia. A explicação para esta prática é a seguinte: os membros da mesma etnia consideram-se uma família. Por isso que não é permitido casamento entre as pessoas de uma mesma etnia.

É bom sabermos que o casamento com os membros de outra etnia tem seu fundamento social muito forte e profundo: criar novos laços de parentesco. Dentro de nossas culturas valorizamos muito o sentido parental. Por isso, que muito cedo os pais vão oferecendo para seus filhos muitas informações e formações a respeito da própria etnia e das outras etnias. Assim as novas gerações vão aprendendo tratar as pessoas de acordo com as considerações de parentesco: *“Isaac chamou Jacó, deu-lhe a benção e ordenou: “Não cases com nenhuma das moças de Canaã. Vai a Padã-Aram, à casa de Batuel, teu avô materno. Casa-te lá com uma das filhas de Labão, irmão de tua mãe. Que o Deus Poderoso te abençoe, te faça fecundo e te multiplique, para tornares uma comunidade, para te tornares uma comunidade de povos”* (Gn 28,1-4).

3. O parentesco 3 (perseverança)

Para nós, aquilo que denominamos *valores* são: nossos trabalhos, as festas, os benzimentos, as artes, os mitos, os rituais, os cantos, as crenças, nossos conhecimentos, a nossa educação, as práticas religiosas... São todas as realidades que nos ajudam para que sejamos mais humanos. Os valores que praticamos sustentam a nossa convivência com os nossos parentes, no dia-a-dia.

Todos nós somos possuidores e criadores de valores. Muitos, valores que possuímos herdamos de nossos avôs, outros adquirimos no contato com outros povos e outros criamos a cada momento: *“Meu filho, não te esqueças da minha instrução e teu coração guarde meus preceitos: pois eles trarão dias duradouros para ti, muitos anos de vida e a paz. A misericórdia e a verdade não te abandonem: ata-as ao teu pescoço, inscreve-as nas tábuas do teu coração, e alcançarás graça e bom sucesso diante de Deus e dos outros”* (Pr 3,1-4).

Hoje como no passado, sentimos a necessidade de resgatarmos os valores de nossos avôs e projetá-los para os nossos tempos: espírito comunitário, unidade, saudação, hospitalidade, respeito, solidariedade... Os valores sempre continuam vivos nas culturas dos povos. Cada geração busca vivê-los de uma forma diferente do que a outra. Em outras épocas alguns valores parecem desaparecer, mas reaparecem em outros momentos de forma diferente.

O *espírito comunitário* deve ser mais trabalhado dentro de um mundo que privilegia a *individualidade*. E, esta individualidade que na maioria das vezes, no meio de nós, torna-se *individualismo*. Este individualismo (pensar somente em si mesmo) prejudica a participação comunitária nos trabalhos, nas festas; leva à indiferença perante as regras comunitárias; leva à desobediência perante as autoridades.

A *unidade* é um valor étnico importante, pois fortalece um povo, protege as tradições, desenvolve práticas novas que beneficiam o grupo. Hoje, as pessoas privilegiam uma forma egocêntrica (“eu” no centro de tudo) de vida, não visam tanto a forma de vida que privilegia o bem-comum (comunidade). A falta de unidade é prejudicial para um povo, pois enfraquece seus projetos e seus trabalhos. Um povo sem *unidade* é dividido, fraco, presa fácil perante àqueles que querem destruí-lo, fácil de ser comprado, enganado, fácil de ser destruído. Mais ainda, ele se destrói. O povo desunido tem como seu maior inimigo, ele próprio. O povo desunido é um povo suicida.

A *saudação* (acolhida/cumprimento) para nós é um valor grande. Através dela nós valorizamos as pessoas. Geramos nas pessoas a sensação de bem-estar. Este valor se aprende dentro do seio familiar. Os filhos vendo seus pais fazendo e ouvindo as saudações que seus pais fazem aos outros, aprendem e praticam no dia-a-dia: *“Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou de alegria em seu ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com voz forte, ela exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar? Logo que a tua saudação ressoou nos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre. Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!”* (Lc 1,40-45).

A *hospitalidade* é um valor que nossos avôs valorizavam muito. Hoje, também se valoriza, mas está fragilizada. Eles acolhiam as pessoas que chegavam nos povoados com muito respeito, conversavam, ofereciam comida, espaço para dormir, davam farinha e beiju para a viagem. Todas as pessoas da aldeia cumprimentavam o visitante ou hóspede, sendo ele, conhecido ou desconhecido: *“Depois o Senhor apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava estado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantando os olhos, Abraão viu, perto dele, três homens de pé. Assim que os viu, saiu correndo ao seu encontro e prostrou-se por terra. Disse assim: “Meu Senhor, se mereci teu favor, peço-te, não prossigas viagem sem parar junto a mim, teu servo. Mandarei trazer um pouco de água para lavar vossos pés e descansarei debaixo da árvore. Farei servir um pouco de pão para refazerdes as forças, antes de continuar a viagem. Pois foi para isso mesmo que passastes junto a vosso servo. Eles responderam: “Faze como dissestes”*” (Gn 18,1-5).

Hoje sentimos que precisamos transmitir todos os valores que possuímos aos nossos filhos, pois eles, por mais simples que sejam enobrecem as pessoas que os praticam e para quem os recebem. Em muitos povoados já não se acolhem mais as pessoas. As pessoas tornaram-se indiferentes, isto é, para elas tanto faz cumprimentar ou não.

Muitas pessoas com a desculpa de que não conhecem aquelas pessoas ou não tem nada para lhes oferecer, acabam não as cumprimentando. Estas atitudes negativas diminuem o sentido da nossa importância humana, diminuem a nossa dignidade humana

A *linguagem* inclui muitas palavras e gestos que mostram o sentido da nossa existência. As palavras e gestos de bondade enriquecem os povos indígenas. Sabemos também que tudo o que deixamos de dizer em palavras e gestos marcam negativamente na vida das pessoas.

A prática de oferecer *quinhapira* (tradução literal: “recipiente de pimenta”; engloba peixe cozido com muita pimenta e até outros alimentos que se colocam para a refeição familiar e comunitária) às pessoas que chegam em nossa casa tem um significado de acolhida, valorização, partilha, alegria, solidariedade... Assim mostramos para nós mesmos e para outros os valores que aprendemos.

Quem dá origem, sustentação aos valores é a família. Por isso, o verdadeiro caminho de renovação e valorização de valores étnicos deve partir e passar pela educação familiar e retornar para a própria família: “*Filhos, não amemos só com palavras e de boca, mas ações e de verdade!*” (1Jo 3,18).

Os nossos avôs conheciam e praticavam os valores. A vivência do sentido de parentesco é um dos grandes valores que nós indígenas de várias etnias herdamos deles. Sabemos que muitas pessoas ainda, praticam este valor.

A nossa origem não é simplesmente uma origem puramente humana, é divina, é espiritual. Assim disseram nossos avôs: na arca da mitologia, cada etnia veio com seus irmãos de etnia onde havia respeito mútuo, levava-se em conta a consideração como seus primos, sogros, genros, cunhados; reconheciam seus irmãos maiores (autoridades); reconheciam seus chefes espirituais: benzedores, pajés, mestres de cerimônia.

O parentesco inclui um grande círculo familiar. A vivência deste valor provém da educação que recebemos na família: pai, pai, avô, avó, irmãos, irmãs, sábios, benzedores, pajés, mestres de cerimônia. Nossa educação acontece na vivência: ouvindo, vendo e fazendo, nós aprendemos os nossos valores. O ensino não está desvinculado da prática.

Desde o princípio, nossos avôs, valorizavam a pessoa. O *matrimônio* fortalecia e aumentava o respeito entre as etnias. Os nossos avôs depois que assumiam suas mulheres nunca mais se separavam.

A fidelidade conjugal durava a vida toda. Os dois trabalhavam muito bem para a educação dos filhos. Praticavam os valores herdados de suas famílias: “*O que foi semeado em terra boa é quem ouve a palavra e a entende; este produz fruto: um cem, outro sessenta e outro trinta*”(Mt 13,23). Eles valorizam muito o sentido de parentesco. Quando não se valoriza este sentido a vida não funciona bem. Veja esta história:

Um tempo atrás, na comunidade de ilha Vakará, no baixo Rio Negro, houve um caso de desrespeito ao sentido de parentesco. Um jovem chamado Luis, filho primogênito de um casal, casou-se com a sua irmã menor legítima, Maria.

Após o casamento mudaram-se de lugar e lá tiveram dois filhos: Barnabé e Joana.

Em consequência deste desrespeito todos os dois filhos nasceram defeituosos. E, no tempo da Páscoa(ano 2000), o casal transformou-se em cobra surucucu.

Contamos esta história para dizer que é muito importante a prática do sentido de parentesco e para evitarmos fatos tristes como estes da história. O estudo que estamos fazendo nos ajuda a descobrir e aprofundar os diversos significados que o parentesco vai oferecendo para as nossas vidas. Agora sentimos mais ainda, que é hora de resgatarmos os nossos valores culturais.

Os nossos avôs praticavam o valor do parentesco porque eles sabiam a origem das etnias. Todas as pessoas recebiam uma formação étnica bem organizada: irmãos maiores e menores; avôs e netos; sogros e genros; primos e primas; chefes e súditos; sabiam valorizar seus chefes, pajés, sábios, mestres de cerimônias.

Hoje, os ex-alunos da educação escolar, esquecem destes valores. Por isso, o nosso relacionamento anda muito desequilibrado: falta de respeito entre os membros da mesma etnia, esquecimento dos valores, supervalorização dos valores alheios (não-indígenas). A realidade atual nos convida para o resgate e fortalecimento das práticas parentais para que possamos gerar uma nova maneira de relacionamento entre nós, baseada no respeito.

Os valores que provêm do parentesco nos levam a considerar e tratar adequadamente os membros da nossa etnia e de outras etnias. Cada pessoa situa-se dentro de espaço adequado. A vivência dos valores de parentesco nos permite crescermos num clima de família.

O parentesco nos apresenta um conjunto de crenças. Estas crenças são transmitidas para nós através da educação. Ela nos forma para uma mentalidade étnica que vem desde a época do surgimento do homem e da humanidade (mito da origem do homem e humanidade).

Entre os membros de diferentes etnias há uma aproximação maior ou menor, dependendo do grau de parentesco. A desvalorização de nossas tradições culturais acontece por desconhecimento de sua importância. No contexto atual nem os mais velhos sabem direito como funcionavam as práticas das etnias. Aqueles que deveriam ser nossas fontes de informações (adultos) não conseguem oferecer para os jovens, informações corretas. Aqui é que se encontra a nossa maior dificuldade no esforço de resgate cultural.

Algumas realidades merecem nossa atenção maior para que possamos mudar a prática de vida. Veja um exemplo: em Iauaretê, as pessoas de diversas etnias só falam a língua tukano. Este fato é resultado de uma longa história de escolarização da região. A escola concentrou num mesmo lugar, pessoas de diversas etnias, levando-as à quase unificação da língua falada aqui: tukano.

Nós que passamos pelo internato salesiano sabemos a dificuldade que tivemos para falarmos as nossas línguas étnicas, falávamos somente o tukano. Os nossos netos e filhos, também sofrem com esta realidade. Existe uma grande influência dos meios de comunicação (televisão, música...). As gerações novas não somente falam o tukano, mas falam tukano portuguêsado. E, muitos por se sentirem inseguros em falar a própria língua, preferem falar a língua portuguesa.

A realidade de insegurança com relação aos nossos valores culturais leva muitas pessoas falarem que “agora é tempo de progresso”. Nós que queremos resgatar nossos valores culturais teremos que andar em contra-mão do falso progresso que invade nossas famílias, as nossas aldeias e nossas escolas.

Hoje, as diversas etnias reivindicam os seus direitos fundamentais: serem reconhecidos como piratapuias, dessanos, tuyukas, tarianos..., falar suas próprias línguas, viver os seus próprios valores. Neste sentido que em algumas etnias nascem idéias de construir as escolas próprias: escola tuyuka, escola tariano, escola piratapuia... Enquanto para alguns, eles parecem caminhar para trás, para os membros destas etnias significa o começo de uma nova etapa de vida. Este trabalho é um trabalho doloroso e sacrificado, pois recebe críticas dos próprios membros e membros de outras etnias. Uma renovação é sempre assim.

A educação bilíngüe que em muitas escolas tornou-se um simples discurso sem nenhuma prática, é apontado como um começo da valorização da própria etnia. Entre nós, a educação deve ser mais do que bilíngüe.

Este sonho se tornará uma realidade quando a própria família assumir uma renovada educação étnica e não simplesmente sustentar a atual educação de acomodação às exigências externas. A educação indígena é aquela que direciona os conhecimentos e valores que adquirimos do mundo não-indígena. A educação indígena é aquela que nos leva para que sejamos autenticamente indígenas e não somente indígenas de aparência.

A ausência da educação indígena é aquilo que vemos atualmente em lauretê: muitas pessoas não sabem sobre a sua etnia; não sabem quem são seus parentes e seus primos; não existe mais respeito entre as pessoas de diferentes etnias; tratam todos como se fossem membros de uma única etnia (tukano); se sentem como tukano; casam com as pessoas da mesma etnia.

Com este esforço de aprofundarmos no conhecimento de nossos valores queremos fortalecer as nossas culturas. Assim evitaremos realidades tristes e vergonhosas. Os nossos filhos e netos merecem de nós o melhor de nossas riquezas. Se não houver esforço da nossa parte, um dia eles culparão a nós, seus pais e mães.

4. O parentesco 4 (crisma)

No estudo que estamos realizando, estamos percebendo que é difícil dizer o que significa o parentesco. Somente sabemos dizer que o Parentesco tem seu significado importante para aqueles que se consideram irmãos, pais, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, avôs e avós, netos e netas, sogros e genros, cunhados e cunhadas. A relação de aproximação entre estas pessoas é que denominamos parentesco.

Geralmente num povoado somos todos parentes. Trabalhamos juntos, na roça, limpando os nossos povoados, realizamos festas juntos e, assim fazendo estamos praticando o sentido de parentesco. Nestes momentos sentimo-nos como uma grande família.

A vivência do sentido de parentesco acontece no dia-a-dia. Exemplo: no dia da festa convidamos os nossos parentes para fazer dabucuri para nós. E, na outra época nós vamos fazer o dabucuri para eles. A valorização do sentido do parentesco acontece através de várias ações e envolve a participação de outras pessoas nas nossas vidas: *“No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento”* (Jo 2,1-2).

Dabucuri é o momento festivo de partilha de dons: frutas, peixes, carnes... para as outras pessoas da mesma aldeia ou de outras aldeias. O dabucuri por si

mesmo exige a reciprocidade: *“Então ele pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, pronunciou sobre eles a bênção, partiu-os e os deu aos discípulos para que os distribuíssem à multidão. Todos comeram e se saciaram. E ainda foram recolhidos doze cestos dos pedaços que sobraram”* (Lc 9,16-17).

O casamento tradicional acontecia entre um homem e uma mulher de etnias diferentes. Assim as duas etnias saíam enriquecidas, as duas etnias começavam a estabelecer novos relacionamentos com os familiares do novo casal. Com o intercâmbio de mulheres aumentava o círculo de parentesco.

O sentido de parentesco nos mostra que nós temos uma grande família. Nós temos o mesmo pai ancestral, é avô de todos e todos somos netos do mesmo avô. Todos nós temos nossos parentes e somos responsáveis pelo respeito que deve haver entre os parentes.

Vejamos um conto sobre um irmão maior e irmão menor:

Um dia, numa comunidade os moradores estavam se organizando para eleger o líder da comunidade. Naquele mesmo dia, o padre(sacerdote) estava visitando a comunidade. Quando soube que iriam escolher o novo líder ele perguntou para dois irmãos da mesma etnia:

- *Quem será o novo líder?*

O irmão menor respondeu:

- *Serei eu, padre!*

Ao ouvir essa resposta, o irmão maior ficou revoltado. Disse assim:

- *Ele é irmão menor. Ele não pode ser líder. Eu que vou assumir o cargo de líder!*

A essa altura o outro que era considerado irmão menor, também já estava dizendo que era ele o irmão maior. Essa confusão surgiu porque ninguém conhecia as raízes culturais. No final nenhum deles foi escolhido para ser líder. Foi escolhido um outro mais simples, humilde e inteligente

A lição que devemos aprender deste conto é que nós não devemos rebaixar os nossos irmãos, seja ele menor ou maior; nem pela classificação que existe dentro da etnia. Quem se considera irmão maior deve procurar tratar seus irmãos menores com amor e com respeito; devemos valorizar toda pessoa na sua condição: ancião, criança, jovem, mulher, doente: *“Jesus, porém, chamou-os e disse: “Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes fazem sentir seu poder”. Entre vós não deverá ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”* (Mt 20,25-28).

Toda pessoa merece ser respeitada e valorizada em cada função que ela assume de acordo com aquilo que ela sabe fazer. Ao contrário daquilo que acontece hoje, cada família na sua casa, os nossos avôs viviam numa grande casa: maloca.

“Maloca é grande casa tradicional. É o grande centro religioso, casa da vida, da moradia, da comida, da arte, da música, da dança, da alegria, da tristeza. É o centro da unidade de um povo. É o lugar sagrado, templo de cerimônias e ritos. Lugar onde se revive o sagrado. Lugar onde se entra em contato com o passado mitológico e atualiza o mito da criação do homem e do mundo. É lugar da narração dos saberes de uma etnia. É lugar de acolhida dos saberes de outras etnias. É o espaço da transmissão de saberes étnicos. É o símbolo da canoa de transformação. É o lugar, por

excelência do sagrado. É o centro da vida, é símbolo da criação e protetora dos indígenas. É o centro da atuação de poderes espirituais”³.

A Maloca representa uma estrutura da organização social de uma etnia. Nesta organização nós encontramos líderes reconhecidos e legitimados pela etnia. Os irmãos maiores têm a responsabilidade de dirigir os irmãos menores da etnia. A autoridade tradicional é passada de pai para filho.

Esta autoridade tradicional em nossos dias, em alguns lugares, em alguns momentos entra em conflito com a autoridade eleita. A situação deste conflito deve ser tratada com muito respeito, com muito diálogo. Acima de tudo, a comunidade deve saber escolher líderes que promoverão o bem-estar dos membros de uma comunidade. Para que isso possa acontecer é necessário haver uma formação para lideranças.

Também, os nossos avôs possuíam as formações. Mais do que isto, eles promoviam diariamente suas formações, de tarde ou de noite, reuniam-se para conversar sobre a vida humana, sobre o mundo, sobre os trabalhos, sobre as estações do ano (verão, chuva, enchentes...), sobre os costumes, sabedoria, dos perigos, sobre os ritos, mitos, danças, músicas, outras etnias, situação das mulheres, das crianças, jovens; problema de doenças, benzimentos.

Os jovens na medida em que iam crescendo eram admitidos para reuniões com os anciãos para ouvirem os conselhos, ensinamentos, conhecer as regras de vida, as condutas do homem perante o mundo, perante a natureza; ouvir histórias e contos do povo; aprender os benzimentos; participar dos rituais; participar das danças: *“Depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos aqueles que ouviam o menino ficavam maravilhados com a sua inteligência e suas respostas”* (Lc 3, 46-47).

Os nossos avôs tinham o ritmo de vida organizado. Usavam uma pedagogia para cada fase do crescimento da pessoa. Havia ensinamentos diferenciados e apropriados para crianças, jovens, adultos, anciãos; homens e mulheres; ensinamentos para os benzedores, para os pajés, para dançantes, para os narradores de mitos, para tocadores de diversos instrumentos musicais.

Existiam momentos reservados somente para os homens ou para mulheres. Havia momentos permitidos para a participação de todos. Tudo isso ajudava a manter vivas as tradições de uma etnia. Cada qual já sabia o que era permitido para a pessoa e para aquela idade. Ninguém ficava reivindicando antes do tempo. Ninguém reivindicava para aquilo que não estava destinado, segundo a sua etnia. A harmonia étnica dependia desta atitude de respeito que cada membro assumia.

A educação escolar, a catequese, os meios de comunicação social nos levam a um estilo diferente de organização social. Pensamos na constituição de novos líderes. Em muitos momentos isto nos traz uma instabilidade e insatisfação. É uma realidade que estamos vivendo e estamos aprendendo a escolher bons líderes ou às vezes erramos e nos arrependemos depois. Mas devemos apostar na nossa capacidade de escolher bem e ajudá-los para que exercem o trabalho para o bem de todos.

As exigências destes novos tempos, exigem de nós novas respostas que nos levem para uma convivência mais humana. Não podemos ficar somente para o passado que já passou.

³ Pe. Justino S. Rezende, artigo: *OS TUYUKA*. Manaus, 2000.

Os laços de parentesco existentes entre os nossos avôs eram muito fortes. Para eles, o casamento era sagrado, era símbolo de reciprocidade e de respeito. Uma moça ao se casar com um homem de outra etnia deixava a sua família e sua aldeia para começar a vida numa outra família e na outra aldeia: *“Disse então Tobias a Rafael: ‘Azarias, meu irmão, pede a Ragüel que me dê Sara, minha irmã. Ragüel ouviu essas palavras e disse ao jovem: ‘Come e bebe e fica à vontade esta noite, pois a ninguém senão a ti, meu irmão, toca desposar Sara, minha filha. Aliás, não me é lícito entregá-la a outro homem senão a ti, que és o meu parente mais próximo’”* (Tb 7,9-10).

A forma como eles buscavam a mulher para um membro da comunidade foi mudando ao longo da história. Em alguns momentos eles seqüestravam a mulher; em outros momentos conseguiam depois de muitas discussões e brigas; em alguns momentos conseguiam por força de diálogo; em alguns momentos buscavam como troca de uma parenta.

Olhando para estas histórias, a partir da visão de hoje, podemos considerá-las como práticas como violentas. Mas essa é a nossa história. Todas estas práticas foram também responsáveis pelas alianças inter-étnicas: troca de mulheres, troca de forças de trabalhos, intercâmbio de alimentos, de danças, músicas, artes, conhecimentos.

Estas práticas foram diminuindo na medida em que a ação evangelizadora e educação escolar foram tomando força. As nossas tradições cada vez mais ficaram para o último plano. Os nossos pais eram obrigados a colocar os seus filhos nos internatos onde havia um grande número de pessoas de diversas etnias. Nós ficávamos por longos tempos distantes das práticas das nossas tradições. Por fim, com o fechamento de internatos a escola desestruturou muitas aldeias, pois muitos pais tiveram que deixar suas aldeias para se concentrarem somente em um lugar. Assim ficou cada vez mais difícil a prática de diversas riquezas tradicionais.

A grande concentração de jovens somente num lugar contribuiu para o enfraquecimento da identidade étnica, começando pela língua. É a realidade que constatamos em nossas comunidades e que agora estamos querendo dar uma nova direção: valorização das riquezas culturais.

A pessoa desde a concepção já recebia o benzimento para que nascesse bem. Em cada etapa da vida os benzedores benziam para protegê-la de todas as forças dos males que estão presentes nas pessoas e na natureza. Para nós indígenas é muito importante a prática de nossos valores. Nós não podemos imitar aos não-indígenas. Muitas coisas negativas que acontecem no meio de nós, acontecem porque nós não praticamos os nossos valores culturais.

Deus nos deu muitos valores para que pudéssemos viver bem como indígenas. Se nós não valorizamos estes valores estamos desprezando presentes que Deus nos dá. Sabemos que muitos parentes nossos, não querem saber de praticar nossos valores culturais. Até se afastam de comunidades e se fecham dentro de seus pequenos “mundos”. Talvez no momento não saibam o significado profundo de nossos valores, mas também a estas pessoas temos que respeitar.

Nosso grande trabalho é o cuidado com as famílias, pois dentro delas surgirão e crescerão nossos valores culturais.

5. O parentesco 5 (matrimônio)

“Feliz o marido que tem uma boa esposa: o número de seus dias será duplicado. A mulher virtuosa é a alegria do marido, que passará em paz os anos de sua vida. Boa esposa é a herança excelente, reservada aos que temem o senhor: ela será dada ao marido em recompensa pelas boas obras” (Eclo 26,1-3).

Os nossos avôs não se casavam com as pessoas da mesma etnia. O casamento para eles tinha sentido sagrado, não se podia brincar. A mulher da mesma etnia era irmã e o homem irmão, isto é, eram membros da mesma família consanguínea: *“Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne”*(Gn 2,24).

Os nossos avôs possuíam graus de considerações entre as diversas etnias. Vejamos o grau de parentesco consanguíneo:

- Tukano: Juruti-tapuia, Cubeu, Barassano, Baré, Wanano, Baniwa e Cuia-mirá.
- Tariano: Dessano, Arapaço, Carapanã, Siriano, Tuyuka e Miriti-tapuia.
- Piratapuaia: Wanano, Arapaço, Juruti-tapuia e Tuyuka.
- Wanano: Piratapuaia e Tukano;
- Dessano: Tariano, Arapaço, Carapanã e Tuyuka.
- Arapaço: Piratapuaia, Tuyuka, Wanano, Miriti-tapuia, Baré e Dessano.

Por influência da educação escolar, meios de comunicação social e contatos com os povos das cidades, entraram em nossas mentes e nas nossas práticas, o namoro, noivado e casamento. Estas práticas, na maioria das vezes, só atrapalham a nossa convivência, como povos indígenas. Também entrou no meio de nossas comunidades a mentalidade do “descartável”, isto é, “usou, joga fora”; “gostou de uma pessoa hoje e amanhã já não gosta mais”.

Muitos crêem que quem não passa por estas etapas, são pessoas atrasadas, não-civilizadas. Eles querem casar com as pessoas que eles amam e gostam. A constatação é que mesmo após ter escolhido, com liberdade a sua futura esposa ou futuro esposo, os casais não se conseguem realizar em seus casamentos. A fidelidade é frágil, o amor é fraco e o respeito é o mínimo. Nossos avôs, mesmo que tivessem assumido a vida conjugal como que obrigados, mantiveram com muita dignidade a sua fidelidade conjugal, o respeito era forte, pois eles tinham consciência da importância da mulher na vida do homem como dentro de sua etnia. Portanto, o esposo tratava a esposa com muito respeito, pois também estava respeitando a etnia da mulher.

Hoje muitos jovens crescem desconhecendo a sua etnia e a dos outros. A escola os mantém afastados da prática de suas culturas, as festas recheadas de músicas de fora influenciam negativamente. Diante destas situações pelas quais passam os jovens e os pais *temos um trabalho para realizar: resgatar, aprofundar e fortalecer os nossos valores culturais.*

Conclusão

Nesta primeira parte constatamos que as idéias trabalhadas pelos catequistas são semelhantes. Acredito esta repetição de mesmos pensamentos ajudará na compreensão do sentido de parentesco.

Como se pode ver a questão de parentesco dentro de nossas etnias tem um profundo significado. Hoje, parece não ser tão importante, porque não há

entre nós a mesma intensidade que existia no passado, na época de nossos avôs.

A compreensão do parentesco para nós continuará sendo um desafio, apelando para que nós aprendamos com os nossos pais e parentes mais de caminhada. Em muitos momentos podemos sentir que é impossível aprender tudo. Claro que isso não será possível.

Nós, agentes da pastoral, da catequese temos nossa parcela de responsabilidade para trabalharmos para o resgate de nossos valores culturais. Como já foi dito: *as nossas riquezas culturais são dons de Deus para nós.*

O trabalho de catequese que atinge uma grande parcela da população indígena desta região, tem por obrigação divulgar e aprofundar os valores de nossas etnias. Deus quer ser amado pelos indígenas a partir dos valores culturais indígenas.

Ao meu ver o texto é bastante compreensível. Acredito que cada leitor irá aprofundando cada vez melhor a partir de sua própria etnia. Sabemos que cada etnia é uma fonte inesgotável de sabedoria.

Que nossos avôs, que construíram e colaboram muitas riquezas acompanhem os trabalhos que cada catequista irá realizar nas aldeias, junto aos irmãos e irmãs da etnia!

CAPÍTULO 2

RELACIONAMENTO ENTRE AS ETNIAS

Introdução

Nesta segunda parte está o resumo sobre o estudo do tema “Relacionamento entre as etnias”. Lembre-se que o conteúdo do primeiro capítulo é mais voltado para dentro de uma etnia, ou seja, todas as pessoas que de alguma maneira estão ligadas à nossa família ou à nossa etnia.

Nesta parte queremos mostrar a importância do bom convívio com as pessoas de diversas etnias. Queremos aprofundar os relacionamentos que acontecem com aqueles que não são da nossa etnia e com aquelas etnias que não temos nenhum relacionamento parental.

Nós fomos criados para convivermos com outras pessoas. Ninguém vive isolado de outras pessoas. Vivemos em pequenas (família) ou grandes comunidades (muitas famílias).

Todos sabemos que nós não vivemos fechados para dentro de nossas etnias. Sempre saímos, por diversos motivos, para além de nossas etnias. Nesta saída encontramos pessoas novas, novas etnias. No encontro com novas pessoas e novas etnias precisamos ter valores comuns a todas as etnias: respeito, valorização...

ESTUDOS DOS GRUPOS

1. O relacionamento entre as etnias 1 (batismo)

Existem muitas pessoas em nosso Distrito de Iauaretê que casaram com as pessoas da mesma etnia. Esta nova situação nos questiona e nos leva a repensar no significado da nossa etnia: *“Pois João vivia dizendo a Herodes: “Não te é permitido ter a mulher do teu irmão”. Por isso, Herodíades lhe tinha ódio e queria mata-lo, mas não conseguia, pois Herodes temia João, sabendo que era um homem justo e santo, e até lhe dava proteção. Ele gostava muito de ouvi-lo, mas ficava desconcertado”* (Mc 6,18-20).

Nossos avôs nos ensinaram que os membros da mesma etnia eram como se fossem filhos e filhas da mesma família. Diante deste ensinamento que ficamos confusos quando algumas pessoas começam a casar sendo membros da mesma etnia. A forma como nossos avôs entendiam o significado da existência dos membros da mesma etnia tinha um fundamento mítico (mito da origem) e religioso: *“Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra”* (Gn 9,1).

O efeito alucinógeno do Kapi deu origem as diversas línguas e as diversas maneiras de tratar as pessoas. Êmeko-masê, deu origem aos relacionamentos entre as diversas etnias: *“E o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe corresponda”. Então o Senhor Deus fez vir sobre o homem um profundo sono, e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das*

costelas e fechou o lugar com carne. Depois, da costela tirada do homem, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou-a ao homem, E o homem exclamou: “Destá vez sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne”! Ela será chamada ‘humana’ porque do homem foi tirada”. Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e eles serão uma só carne” (Gn 3,18.21-24).

Os nossos avôs nos ensinaram que antigamente o casamento era sempre com as mulheres de outras etnias. O raciocínio de nossos avôs era este: amando muito o filho do seu irmão (sobrinho), a mãe da menina dava-a em casamento ao seu sobrinho ou seja a mulher que tinha saído para casar com um homem de outra etnia em consideração ao seu irmão (ou irmãos étnicos) dava a sua filha para o seu sobrinho (filho de seu irmão ou sobrinho étnico). Deste modo havia a continuidade da verdadeira consideração parental, por exemplo. Tariano casava com Tukana e vice-versa: *“Depois de se terem banhado e purificado, puseram-se à mesa. Disse então Tobias a Rafael: “Azarias, meu irmão, pede a Ragüel que me dê Sara, minha irmã. Ragüel ouviu essas palavras e disse ao jovem: “Come e bebe e fica à vontade esta noite, pois a ninguém senão a ti, meu irmão, toca desposar Sara, minha filha. Aliás, não me é lícito entregá-la a outro homem senão a ti, que és o meu parente mais próximo” (Tb 7,9-10).*

Sendo assim a consideração funcionava de modo correto: sogros, cunhados, primos, sobrinhos, netos. Seguia uma prática tão antiga quanto à origem da etnia. Atualmente, muitas famílias seguem a mesma prática. Porém, começam a surgir novos raciocínios e novas práticas: o que vale é o amor entre um homem e uma mulher e, não a tradição. A partir deste pensamento que acontece casamento entre as pessoas da mesma etnia. Assim vão surgindo novas considerações.

Nossos avôs conseguiam estabelecer relacionamentos corretos dentro da convivência entre as diversas etnias, porque conheciam bem o funcionamento de sistema de parentesco: irmãos, irmãs, tios, tias, cunhados, cunhadas, sogros, sogras... O bom relacionamento entre as etnias depende da boa convivência, baseada, principalmente pelo respeito, comunicação, diálogo, trabalho comum, festas.

É bom lembrar também que o conhecimento do mundo e das etnias era mais reduzido naquele tempo do que agora. Hoje em dia o deslocamento das pessoas atinge uma área maior (outras regiões, estados, países). Por isso, entram novas personagens que não faziam parte no nosso círculo parental.

Muitas mulheres (parentas nossas) viajando por outras áreas indígenas e nas cidades acabam casando com pessoas até então desconhecidas por nós. Mesmo assim é difícil aceitá-los como nossos primos, nossos parentes. Como indígenas não temos nenhuma ligação parental com estas novas pessoas. Como já foi dito acima o critério da existência destes casamentos é critério de “amor” (duas pessoas que se amam e se casam), não é um critério étnico-parental. São novos elementos que vão entrando dentro de nossas tradições étnicas.

2. O relacionamento entre as etnias 2 (eucaristia)

No princípio, no Lago do Leite (lugar mitológico do surgimento humano), os homens e as mulheres já possuíam o relacionamento entre as etnias. Eles se encontravam dentro de uma *canoa de transformação da vida*, Pamëri-yëkësë: *“Então Deus falou a Noé: “Sai da arca com tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos. Traze para fora também todas as espécies de animais que estão contigo, aves, animais domésticos e animais que se movem pelo chão, para que*

se propaguem pela terra, sejam fecundos e se multipliquem sobre a terra” (Gn 8,15-16).

Existia um ser Superior, Yepá-oãkë, que conduzia as pessoas dentro da Canoa até a Cachoeira da Origem, Pamëri-poewa. Quando chegou ao lugar o Yepá-oãkë colocou as pessoas na face da terra. Assim surgiram diferentes etnias: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão”. Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a! Dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem pelo chão”” (Gn 1,1-2.26-28).

O significado do relacionamento entre as etnias é a *união* que existe entre as pessoas de diferentes etnias. Essa união é que leva as pessoas a se considerarem como irmãos e irmãs, filhos e filhas de um mesmo pai ancestral.

No mundo atual precisamos estabelecer diálogo com os nossos parentes e com os membros de diferentes etnias para que possamos construir uma convivência baseada no respeito, valorização, amor... Com estas atitudes estaremos respeitando os direitos de todas as etnias: *“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando”* (Jo, 15,12-14).

O conhecimento e a prática de valores das diversas etnias é muito importante pois, com eles educaremos as novas gerações de indígenas para o respeito às pessoas como indivíduos e como comunidade.

Nós, adultos somos responsáveis na transmissão de valores étnicos para as novas gerações. Aquilo que nós, adultos somos, reflete na juventude. Por aquilo que vemos hoje, nós transmitimos muito pouco de nossos valores para as crianças e os jovens. Por isso, eles pouco sabem seus próprios valores étnicos.

A nossa vida indígena será diferente a partir da compreensão e prática de nossos valores. Os nossos relacionamentos com os membros de outras etnias serão diferentes porque saberemos vê-los como diferentes e cheios de valores. Assim estaremos gerando um clima/ambiente onde possamos nos sentir bem, como irmãos, como parentes... Esta maneira de viver gerará mais organização, mais unidade e mais participação em diversos momentos da nossa vida: trabalho, festa, oração, reuniões, partilha, solidariedade: *“Os fiéis de origem judaica, que tinham vindo com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado também sobre que era de origem pagã. Pois eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus”* (Atos 10,45-46a).

Ao falarmos da importância de criar mais organização, unidade e participação em diversos momentos, não queremos acabar com as riquezas culturais de cada pessoa e grupo, pelo contrário, queremos que os diferentes valores, conhecimentos, técnicas ajudem no crescimento da comunidade e sociedade: *“Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo, e todos nós*

bebemos de um único Espírito. Com efeito, o corpo não feito de um membro apenas, mas de muitos membros..." (1Cor 12,1-14).

A realização de diversos cursos sobre as culturas indígenas, nos leva para o conhecimento, aprofundamento e prática de nossos valores culturais. Com esta prática nós estamos gerando uma nova maneira de viver a vida indígena. O caminho de reconstrução é longo, demorado, mas estamos construindo. É necessário que tenhamos paciência conosco mesmos. A impaciência poderia nos levar para o fracasso. A paciência é sinal de amor: *"O amor é paciente, benfazejo; não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho; nada faz de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não leva em conta o mal sofrido"* (1Cor 13,1-5).

FATOS DA VIDA

1. Batista e Cristina

Um dia, Batista saiu de casa para dar um passeio e lá conheceu uma jovem chamada Cristina. Ele a cumprimentou e conversou com ela a respeito da beleza da vida e vida deles.

Batista era um tariano e Cristina, uma tukana.

Batista decidiu casar com Cristina.

Tiveram dois filhos e viveram muito felizes.

A moral da história é valorização da nossa tradição. Devemos casar com as pessoas que a nossa tradição nos permite casar. Do cumprimento de nossas normas étnicas, depende a nossa realização. Se a nossa prática seguir as nossas tradições, outras pessoas não terão motivos para nos reprovar.

2. Casamento

Antigamente entre nós indígenas não existia o namoro. A prática do namoro é a prática que veio de fora (dos não-índios).

O casamento entre um rapaz e uma moça dependia da escolha dos pais. E, o tempo de casar, também dependia dos pais.

Ao filho cabia aceitar aquela mulher que os pais buscavam e apresentavam para ele como esposa.

No meio de nós agora existe o namoro, principalmente entre as gerações novas e nos lugares de grande população, pois nestes lugares estão pessoas de diversas etnias.

Namoro é uma etapa de vida, onde duas pessoas querem aprofundar no conhecimento. A duração do namoro depende muito do casal de namorados. Muitos namoros são passageiros e os outros levam até o casamento.

Estas novas práticas de vida modificam o jeito de sermos indígenas. Surgem novas exigências para as quais procuramos nos adequar.

As comunidades se esforçam para trabalhar levando em conta as pessoas de diversas etnias. A convivência com muitas pessoas faz com que surjam novos pensamentos e novas práticas de vida.

A compreensão e a prática do casamento configura-se de modo diferente. A educação escolar, a evangelização, o contato com outros povos não-indígenas, o serviço militar, o acesso aos cursos superiores, a entrada dos meios de comunicação social, influenciam fortemente na nova concepção de casamento.

Ainda, um dos elementos fundamentais das culturas indígenas está presente: *a fidelidade até a morte*. Mesmo assim, não faltam indígenas que

querem assumir novas práticas, influências negativas da sociedade não-indígena envolvente: *abandonar esposa ou esposo*.

Mas nós, indígenas evangelizados, somos responsáveis para mantermos vivos os nossos valores: indígenas e cristãos.

A moral deste fato é mostrar as mudanças que vão acontecendo dentro de nossas etnias. Estas mudanças muitas vezes causam conflitos, que acabam desestabilizando as culturas locais, de longas tradições. Por outro, temos que saber acolher estas novidades como um desafio para que possamos rever, repensar a nossa própria vida indígena.

3. Diálogo da Família de Paulo e seu cunhado José

Paulo é tukano e casado com Ana, irmã mais velho do Sr. José, tariano.

José é casado com a Chica (tukana), irmã mais nova do Sr. Paulo.

Paulo e Ana têm um filho chamado Felipe.

CHICA: Bom dia Paulo, meu mano! Bom dia, Ana, minha cunhada! Bom dia, Felipe, meu sobrinho! Sejam bem-vindos! Entrem e sentem-se aqui!

JOSÉ: Paulo, meu cunhado, entre! Como vai!? Bom dia, mana Ana! Entre e fique à vontade! Felipe, como vai!?

Minha querida Chica, traga quinhapira e peixes, ofereça para o seu irmão, meu cunhado!

CHICA: Mano, Paulo, cunhada Ana, sobrinho Felipe, comam quinhapira! Sobrinho Felipe, coma bem!

PAULO: Meu filho Felipe, este José é teu tio e Chica é sua tia. A filha de José e Chica é sua prima. Não se esqueça!

A moral deste diálogo é mostrar que os pais têm responsabilidade para dar uma boa educação aos seus filhos, instruindo sobre os valores culturais de sua etnia.

Todos nós, indígenas de diversas etnias devemos ser responsáveis para a construção dos bons relacionamentos entre nós. Assim aumentará a confiança, respeito, amor. Quando sentirmos como irmãos surgirá entre nós a partilha, solidariedade, alegria, confiança, sinceridade. Dentro desse espírito que devemos trabalhar para formar as gerações novas de indígenas. O fortalecimento da nossa identidade indígena não significa fechamento para os valores que chegam de outras culturas não-indígenas, mas tornarmos capazes de oferecer para os outros os nossos valores e saber selecionar os valores de outros povos para o nosso bem.

Entre nós está havendo uma desvalorização do relacionamento entre as etnias. Está havendo uma tendência muito forte de uniformização das riquezas, línguas e costumes. Diante disso precisamos fortalecer as diversidades culturais e com isso, todos sairemos enriquecidos. O “outro”, o “diferente” deve ser visto como algo que nos enriquece. Diante dos outros somos todos “outros” e “diferentes”.

Nossas crianças e jovens possuem poucas noções, informações, explicações sobre a importância dos relacionamentos entre as etnias. Os adultos devem assumir o compromisso na educação dos filhos a partir de seus valores culturais. Muitas vezes os valores que vêm de fora acabam abafando os nossos valores culturais. É necessário que haja um equilíbrio na aprendizagem e prática de valores.

Deus, ao criar o mundo, criou-o com sabedoria e criou-nos a partir de uma decisão comunitária: “Façamos” (Pai, Filho, Espírito Santo). Portanto, Ele nos convoca para vivermos em comunhão com Ele e entre nós, entre as diversas etnias: “*Vós sois os filhos dos profetas, os filhos da aliança que Deus fez com vossos pais, quando disse a Abraão: ‘Através da tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra’. Para vós, primeiramente, Deus suscitou o seu Servo e o enviou a vós, para vos abençoar, na medida em que cada um se afaste de suas más ações*”(At 3,25-26).

O nosso relacionamento entre as etnias deve basear-se no amor, união, respeito e valorização do outro. Todas as etnias deverão assumir o trabalho de resgatar e fortalecer seus valores em benefício de todas as etnias: “*Todos os que abraçavam a fé viviam unidos se possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, freqüentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que seriam salvas*” (At 2,44-47).

Todos somos convocados a assumir a prática de nossos valores étnicos. Assumindo os nossos valores étnicos saberemos respeitar os valores de outras etnias. Os nossos avôs viviam com mais profundidade estes valores e, por isso, entre eles não acontecia casamento entre as pessoas da mesma etnia. Veja esta prática: os tarianos e os dessanos não se casavam entre si, porque eles se consideravam irmãos. Podiam, casar com os tukanos, piratapuias, wananos; os dessanos não se casavam com os tarianos, arapaço e tuyuka, mas podiam casar com tukanos, wananos, piratapuias, carapanãs.

Hoje os mais jovens não levam em conta estas normas estabelecidas pelos nossos avôs para o casamento. E, muitas vezes os mais jovens interpretam a prática de nossos avôs como práticas erradas. Mas agora é importante conhecermos como era casamento entre os nossos avôs. Existem valores que não podem ser abandonados, pois eles que nos dão equilíbrio na convivência humana.

O significado social do casamento era intercâmbio de valores culturais, humanos e materiais. Com o casamento começava o processo de inclusão das pessoas de outras etnias como nossos primos, cunhados, cunhadas. E, nós, membros de uma etnia diferente começávamos a fazer parte de outra etnia como seus primos, cunhados, cunhadas.

O casamento também, movimentava o sistema econômico entre as diversas etnias. Cada etnia tinha obrigação social e econômica em ajudar outras etnias. Assim, fortaleciam o sistema de troca de bens materiais. Cada etnia de acordo com suas necessidades pedia os materiais que necessitava para outra etnia. Foi assim que foram fortalecendo as festas de *dabucuri* (festas das oferendas de bens materiais).

Os nossos avôs sempre falavam para os seus filhos e netos sobre a importância do relacionamento respeitoso entre os membros de diversas etnias. Por isso, as novas gerações já cresciam dentro do ambiente de respeito entre os membros da mesma etnia e os de outras etnias. Com o passar dos anos, nas últimas décadas houve um grande descuido nesse tipo de educação para os valores indígenas. Agora refletimos sobre o sentido e o significado da nossa educação indígena e buscamos resgatá-lo para vivermos com os nossos valores em nossos dias: “*Filhos, obedecei a vossos pais, no Senhor, pois isto é de justiça.*”

“Honra teu pai e tua mãe” – este é o primeiro mandamento que vem acompanhado de uma promessa – a fim de que sejas feliz e tenhas longa vida sobre a terra”. E vós pais, não provoqueis revolta nos vossos filhos, ante, educai-os com uma pedagogia inspirada no Senhor” (Ef 6,1-4).

POESIA:

*Os nossos avôs respeitavam as etnias
como se fosse uma árvore que vem do solo
para uma caminhada certa!
Nós também podemos viver como nossos bisavôs,
para podermos brotar e dar frutos!*

3. O relacionamento entre as etnias 3 (perseverança)

Entre nós, cada etnia possuía a sua maneira de relacionar com os membros de outras etnias. Cada etnia possuía outras etnias que eram consideradas etnias-irmãs (akasëora) e outras etnias consideradas etnias-primas (peñará, basúkãra).

As diversas maneiras de considerarmos os nossos parentes são os nossos valores. Nossos avôs nos ensinaram estes valores para que através deles construíssemos uma convivência boa, de respeito para com as pessoas de todas as etnias: *“Meu filho, não escapem estas coisas de teus olhos: conserva a prudência e o conselho, e isto será vida para tua alma e enfeite para teu pescoço. Então seguirás confiante o teu caminho sem que tropecem os teus pés; ao dormires, não terás medo, repousarás, e o sono te será tranqüilo. Não te assustará o terror imprevisto nem o turbilhão dos ímpios sobre ti, quando vier: pois o Senhor estará ao teu lado e guardará teu pé, para que sejas preso” (Pr 3,21-26).*

O bom relacionamento entre as etnias funciona quando os membros das etnias tiverem uma boa formação humana a partir da família e da comunidade. A família que é responsável para instrução de seus filhos para os valores fundamentais da etnia. No meio de nós, o relacionamento das etnias funcionava desta forma, vejam como um exemplo (etnias irmãs – akasëorã):

Tariano: Tuyuka, Dessano, Barassano.

Tukano: Wanano, Kaviria, Juruti-Tapuia, Barassano, Piratapuia.

Arapaço: Piratapuia, Dessano, Wanano, Miriti-Tapuia(nerõá).

De'epu: Toá-pirõ-põra, Upí-masã, Mahã-poari-põra, Buári-porã.

Siriano: Dessano, Wanano, Piratapuia.

Juruti: Piratapuia.

Kubeu: Baniwa.

Através de nossos bons relacionamentos com as pessoas de nossas etnias e de outras etnias nós estabelecendo práticas construtivas. Para que os nossos relacionamentos sejam coerentes/verdadeiros, precisamos assumir a nossa educação indígena que nos ajudará no fortalecimento da nossa identidade étnica: *“Aplica teu coração ao ensino e teus ouvidos às palavras que trazem conhecimento. Não retires da criança a correção, ela não morrerá se castigares com a vara: pelo contrário, castigando-a com a vara, assim é que a livrarás da morte. Meu filho, se o teu coração for sábio, alegrar-se-á contigo também o meu; meu íntimo se alegrará quando teus lábios falarem o que é reto. Teu coração não inveje os pecadores, mas persevera no temor do Senhor o dia inteiro: assim tens*

a descendência garantida, e a tua esperança não se frustrará. Escuta, filho, torna-te sábio e guia teu espírito pelo caminho reto” (Pr 23,12-19).

Na atualidade os ensinamentos de nossos avôs não são muito valorizados e por isso, vão surgindo novas formas de relacionamentos, isto é, houve uma ruptura (corte) com as tradições de nossos avôs. A falta destes ensinamentos nos deixa um vazio (não sabemos mais explicar), uma sensação negativa (quem são meus irmãos e quem são meus primos?) e vamos nos relacionando de forma desorganizada (casamos com quem não deveríamos casar...).

Todos nós somos necessitados de valores de nossas culturas. Precisamos aprender com os nossos parentes. Ninguém pode dizer que já sabe tudo e ninguém pode dizer que não sabe nada. Se alguém já sabe muitas coisas, ensine a quem pouco sabe. Se alguém sabe menos, procure aprender mais: *“Escutai, ó filhos, a instrução de um pai e ficai atentos, para aprender a prudência: eu vos darei uma doutrina excelente, não abandoneis a minha lei. Eu também, para meu pai, me portei como filho, por minha mãe acarinhado como filho único. Ele me ensinava e dizia: ‘Teu coração acolha as minhas palavras, guarda meus preceitos, e viverás. Adquire a Sabedoria, adquire a prudência, não te esqueças das palavras de minha boca nem delas te afastes. Não abandones a sabedoria: adquire-a e, com todos os bens que possuis, adquire a prudência! Arrebata-a, e ela te exaltará; se abraçares, serás por ela glorificado. Ela porá em tua cabeça um diadema de graça, e te cingirá com uma brilhante coroa” (Pr 4,1-9).*

4. O relacionamento entre as etnias 4 (crisma)

Os relacionamentos entre as etnias como valores, se aprendem na família. Os responsáveis são os pais. Não temos dúvidas de que os estilos de vida mudam. Porém, os valores são eternos, isto é, nunca perdem os seus sentidos. O que pode acontecer é não serem praticados em determinados momentos históricos.

Para constituir uma nova família (casar) os nossos avôs seqüestravam a mulher de outra etnia em qualquer lugar e em qualquer hora. Em alguns momentos se conseguia buscar a mulher de forma pacífica. Outras vezes se conseguia como troca de suas parentas. Foram estas as práticas de nossos avôs e que precisam ser lembradas.

Olhando o passado de nossas etnias, iremos descobrir os critérios que os nossos avôs criavam para guiarem suas vidas. Os critérios que eles praticavam podem iluminar (orientar) as nossas práticas de hoje. Olhando, a partir de hoje, poderíamos julgar as práticas de nossos avôs como práticas violentas. Mas foi a partir dessas práticas que eles foram constituindo famílias duradouras entre um homem e uma mulher, e, entre uma etnia e outra.

Hoje, nós entendemos a vida de modo diferente. Hoje dizemos que na escolha da futura esposa ou esposo deve haver liberdade. Porém, constatamos que apesar desta liberdade, na escolha de esposa/esposo, os seus relacionamentos são fracos. Alguns pensam até se divorciar (separar). Nem todos os casais estão assim, pois existem muitas famílias bem alicerçadas e que funcionam bem: *“Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e, para experimentá-lo, perguntaram: ‘É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?’ Ele respondeu: ‘Nunca lestes que o Criador, desde o princípio, os fez o homem e mulher e disse: ‘Porque isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois formarão uma só carne’? De modo que eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe” (Mt 19,3-6).*

Ainda hoje, vemos o envolvimento da família na constituição familiar. A família do rapaz se dirige aos pais da moça para pedir o casamento dela com o filho. Só depois que a levam para casa do rapaz. Agindo desta maneira, a família está valorizando a prática indígena na constituição familiar. Vejam que não existe somente o consentimento (decisão, vontade, liberdade) do futuro casal. Existe também consentimento (“sim” dos pais dos pais). Eles são co-responsáveis pelo bom funcionamento do casamento de seus filhos.

O valor fundamental do relacionamento entre as etnias é o respeito. Os nossos avôs respeitavam-se mutuamente. A prática do respeito entre as diversas pessoas que gera confiança, alegria, solidariedade, fraternidade e o bem-estar entre as pessoas. A prática do bom relacionamento é sempre uma construção. Exige esforço por parte de todos. Durante o caminho de construção surgirão conflitos, desconfianças, brigas, desânimo, mas devem ser superados com muita paciência, diálogo e perdão, compreensão: *“O amor é paciente, é benfazejo; não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho; não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não em conta o mal sofrido; não se alegra com a injustiça, mas fica alegre com a verdade. Ele desculpa tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo”* (13, 4-7).

O casamento favorecia esta grande aproximação de pessoas de diferentes pessoas e de diferentes etnias. Esta é a nossa grande riqueza. Foi Deus que nos deu nossos irmãos e nossos primos. Para nós é importante constituir as nossas famílias a partir deste sentido. É aqui que aumenta o número de descendentes e cresce também a qualidade de vida. Com o casamento de alguém da nossa família ganhamos muitos parentes e os outros também, ganham. Nosso estilo de casamento é uma riqueza cultural. Não queremos dizer que outros modos de casamentos estão errados e nem dizer que são pobres. Aqui nós estamos mostrando o sentido do casamento indígena que acontece entre as pessoas de diferentes etnias. O casamento entre as pessoas de diferentes continua sendo uma riqueza e, por isso, somos convidados a entendermos bem o seu significado. Temos que preservar e atualizar este sentido de casamento para os dias de hoje.

A Igreja quer que nós indígenas vivamos os valores do Evangelho a partir de nossos valores culturais. O Evangelho precisa das culturas para se tornar uma realidade. Sem as culturas não existirá o Evangelho. Jesus que é Deus para se tornar um homem precisou da nossa humanidade, precisou da cultura humana: *“E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós. Nós vimos a sua glória, glória como filho único da parte do Pai – em plenitude de graça e de verdade”* (Jo 1,14).

Nas nossas culturas, o relacionamento entre as diversas etnias era muito forte e hoje está enfraquecido. Diante desta situação queremos resgatar seu significado e sua prática. Vejamos como funcionava: para os Wananos, os Piratapuias, Arapaços e os Tuyukas são considerados como parentes legítimos. Por isso, entre eles não podia acontecer casamento; para os Tarianos, os Dessanos e Tuyukas são considerados parentes legítimos, por isso, não pode haver casamento entre eles.

A evangelização também, por um tempo prejudicou neste tipo de relacionamentos. As nossas tradições indígenas eram desprezadas e em alguns momentos foram consideradas como “coisas de diabo”. Somente nos últimos tempos, os missionários começaram a trabalhar em outra direção: valorização das culturas: *“Não penseis que vim abolir a Lei e os profetas. Não vim para abolir, mas para cumprir. Em verdade, eu vos digo: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem uma só letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça. Portanto, quem desobedecer a um só destes mandamentos, por menor que seja,*

e assim ensinar os outros, será considerado menor no Reino de Céus. Porém, quem os praticar e ensinar será considerado grande no Reino dos Céus. Eu vos digo: se vossa justiça não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5, 17-20).

Para nós indígenas as nossas culturas são as nossas maiores riquezas. As nossas culturas são fontes de nossos saberes. Nós devemos aprender a obedecer aquilo que as nossas culturas nos ensinam. Devemos assumir o compromisso de ensinar os nossos valores culturais às novas gerações de indígenas. Os nossos valores são presentes de Deus para o bem de todos. Cada indígena é possuidor de riquezas e por isso, tem que ser respeitado.

POESIA

Oh! Meu irmão: ame muito e respeite a sua família!
Oh! Meu irmão: tome cuidado!
Pare! Pense antes de seu casamento!
Diga não à mulher de etnia considerada irmã!
Sabe por quê?: Poderá gerar o seu filho deficiente físico ou mental!
Com total liberdade, diga sim, à mulher de outra etnia,
E, assim será muito feliz na vida!

Os nossos avôs viviam dentro da Maloca, divididos em pequenos compartimentos. Dentro dela havia um irmão maior que era responsável pelo bom andamento da vida entre os membros. Existiam lideranças religiosas que cuidavam da parte espiritual da etnia: ritos, rituais, cerimônias, danças, benzimentos, curas...

O “irmão maior” (masã-mami) era responsável pela organização da vida social, dos trabalhos, das festas e, representava legitimamente na frente dos membros de sua etnia e frente aos membros de outras etnias. Esse cargo era passado de pai para filho.

Alguns serviços próprios de quem exerciam a função tradicional e líder de grupo da etnia:

- Ele que convocava os membros da etnia, de diversas aldeias ou membros de outras etnias para as festas.
- Ele que pedia para as mulheres preparassem o caxiri.
- Ele dividia os diversos trabalhos: pescaria, caça...
- Ele que tocava o Trocano. Este instrumento é símbolo da “chamada, convite” para a festa.

Os líderes religiosos cuidavam dos benzimentos, das danças, das cerimônias, tipos de música e dança de acordo com a época.

Todas as pessoas da maloca e pessoas convidadas participavam das festas. Todos se enfeitavam com pinturas, cocares com plumas de pássaros (japiim, arara). O ambiente (maloca) era bem benzido, as pessoas que iriam participar da festa eram benzidos. Isto eles faziam para que nada de mal acontecesse durante a festa. Desta maneira as festas aconteciam de forma serena.

As festas quando aconteciam iniciavam durante o dia, passavam a noite e muitas vezes parava só no dia seguinte. As festas eram longas porque as cerimônias eram longas. A bebida que utilizavam, também passava pelos benzimentos dos sábios benzedores. Eles benziam a bebida para que sob o efeito da bebida não acontecesse nada de mal na festa (envenenamento, assassinios, suicídios...).

A festa do **Dabucuri** (em tukano: **posé**) era a festa mais popular, qualquer pessoa podia participar, dançar, cantar, oferecer frutos, receber frutos... Nesta festa as pessoas ofereciam somente um produto. Aqui também funcionava o sentido de parentesco. Ao mesmo tempo era uma troca de bens materiais ligados à etnia. Os caçadores ofereciam carne para a etnia de pescadores; os coletores de frutas ofereciam para os caçadores, etc. O Dabucuri, geralmente acontecia como resposta ao pedido de alguém ou de um grupo. Também acontecia quando alguém se dispunha em oferecer para os outros. A essência desta festa é oferecimento. Quanto maior fosse a quantidade que a pessoa ou grupo oferecesse mostrava toda a sua capacidade (trabalho, pesca, caça...) e seu poderio. Dabucuri exigia a recompensa, ou seja, outro Dabucuri com os outros frutos em troca.

Através destes momentos a força de relacionamentos entre os membros da etnia e com os membros de outras etnias se fortalecia: *“Abel, por sua vez, ofereceu os primeiros cordeirinhos e a gordura das ovelhas. E o Senhor olhou para Abel e sua oferta, mas não deu atenção a Caim com sua oferta”* (Gn 4, 4).

Até hoje, ainda funciona o Dabucuri de forma muito simplificada. Mas os sentido continua o mesmo de muitos anos atrás.

5. O relacionamento entre as etnias 5 (matrimônio)

Os nossos relacionamentos acontecem em diversos momentos: festas, trabalhos, visitas aos parentes. Hoje nós temos espaços diferentes para os nossos relacionamentos: nas missas, orações nas capelas, durante os trabalhos comunitários, nas festas comunitárias. Assim ainda, mantemos as nossas maneiras de sermos parentes.

Os nossos relacionamentos também se fortalecem nos momentos de dificuldades, de conflitos, pois nestes momentos que aprendemos a estabelecer o nosso diálogo para buscarmos nova maneira de trabalhar, de viver, de organizar, rezar... Aprendemos a superar as dificuldades como comunidades: anciãos, adultos, jovens e crianças.

Com estes esforços contínuos, aperfeiçoamos as nossas riquezas culturais. Cada um procura à sua maneira cooperar para o crescimento da família, da comunidade e sociedade. Os nossos defeitos atrapalham no nosso crescimento como família e como povo de Deus. Porém, sabemos que por causa de nossos defeitos que aprendemos a buscar as novas soluções. Não estamos dizendo aqui que temos que errar sempre. Pelo contrário, o que nós estamos dizendo é que todos temos que procurar superar os problemas: *“Procurai o Senhor enquanto é possível encontra-lo clamai por ele, agora que está perto. Que o malvado abandone o mau caminho, que o perverso mude seus planos, cada um se volte para o Senhor, que vai ter compaixão, retorne para o nosso Deus, imenso no perdoar”* (Is 55, 6-7).

Colocamos aqui um momento em que a responsabilidade aparecia muito: Dabucuri. Queremos colocar aqui os grandes valores que aparecem no momento do Dabucuri:

- **ANIMAÇÃO:** as pessoas que participam do Dabucuri são animadas, pois a festa é de alegria. Embora dentro do ritmo da festa possam sair brincadeiras inadequadas segundo o critério cristão, mas é inegável a alegria que existe na festa. É bom saber que a festa do Dabucuri, entre nós, é anterior às festas cristãs. Hoje, se tenta cristianizar a festa,

porém levará muito tempo para alcançar tal objetivo. O Dabucuri é o momento de sentirmos bem com os outros nossos irmãos e parentes. Através disso, aumentamos a nossa união e o respeito.

- **BONDADE:** as pessoas se sentem bem à vontade para oferecer. Os participantes trazem em qualquer quantidade para oferecer para os outros. A própria presença na festa já é sinal de bondade para com membros da comunidade e com as pessoas que chegam de longe. Os mais generosos preparam ofertas separadas para algumas pessoas. Esta oferta dada separadamente para algumas pessoas não elimina a oferta comunitária. O Dabucuri tem sentido de oferta comunitária, onde cada um traz a quantidade que quiser e coloca em comum. O dono da festa (de quem espera as ofertas) é que depois repartirá entre os moradores da aldeia.
- **PARTILHA:** as pessoas demonstram a capacidade partilha dando os frutos para quem deve receber. Esta prática mostra a maturidade da pessoa humana. Mostra o respeito pela pessoa do outro. Os bens ofertados são distribuídos entre as pessoas de uma comunidade (que recebe: **posé-koterã**). Cada família recebe aquilo que o chefe da festa entregar (divisão). O que mais importa aqui é a capacidade de partilhar entre todos os moradores da aldeia ou entre o grupo que espera todo o material que foi ofertado. Mas a parte que cada família recebe, ainda é colocada em comum na hora da quinhapira ou em outro momento.

Conclusão

O relacionamento entre as diversas etnias é uma realidade que nos envolve bastante. A nossa região é composta por muitas etnias. É uma realidade que precisa ser levada muito em conta na educação de novas gerações de indígenas.

O relacionamento entre as etnias não deve servir para anular aquilo que o outro é, mas deve servir para que o “outro” seja reconhecido como tal. A nossa identidade individual e étnica ela se fortalece quando existe a identidade do outro. Deste modo as nossas diferenças étnicas não podem ser vistas como ameaça para a nossa identidade individual e étnica, mas como algo que fortalece a nossa identidade.

Hoje em dia se fala muito da autonomia (aquilo cada um é e aquilo que cada etnia é). Esta autonomia não deve servir para nós nos fecharmos dentro de nosso “eu” e dentro do mundo étnico. Não existe uma autonomia plena. Existe sim, uma autonomia relativa, isto é, em muitas coisas eu consigo fazer sozinho, mas existem outras coisas que eu só consigo realizar através dos outros e com os outros.

Concluindo esta parte digo que a uniformização das línguas é um perigo que ameaça a nossa individualidade como membros de etnias específicas. Por isso, todas as etnias devem trabalhar para fortalecer suas tradições, suas línguas, suas danças, seus valores...

Deus nos criou diferentes. Para cada etnia deu valores diferentes: músicas, danças, conhecimentos, artes, benzimentos, ritos, rituais, trabalhos, línguas próprias. Temos que reconhecer e abraçar estes valores como presentes de Deus para nós. Estes valores que cada etnia têm são dons de Deus para outras etnias, pois são valores que se complementam. Neste sentido nenhuma etnia pode dizer

que sabe tudo, pois todas as etnias sabem muitas coisas. Por outro lado, todas as etnias ainda, precisam conhecer muitas coisas com as outras etnias.

O relacionamento entre as etnias não se resume apenas no relacionamento superficial, mas um profundo “partilhar” valores. Se olharmos bem para os valores de nossas etnias, muitos valores que achamos que são nossos, na verdade nós pegamos ou aprendemos com as outras etnias.

Que Deus nosso criador de todas as etnias e de todos os valores abençoe a todas as etnias para que saibam valorizar seus valores e saibam partilhar com os membros de outras etnias!